

JOÃO PAULO DOS SANTOS CÂNDIDO DE MOURA

**A FOTOGRAFIA COMO ARMA NA CONSCIENTIZAÇÃO DOS
HORRORES CAUSADOS PELA GUERRA**

Monografia apresentada para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, Sob a orientação do Prof. Marcus Vinicius Gimenes Gil.

ASSIS

2013

A FOTOGRAFIA COMO ARMA NA CONSCIENTIZAÇÃO DOS HORRORES CAUSADOS PELA GUERRA

JOÃO PAULO DOS SANTOS CÂNDIDO DE MOURA

Esta monografia foi submetida ao Curso de Comunicação Social da Fundação Educacional do município de Assis como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel com habilitação em Publicidade e Propaganda.

Monografia apresentada à Banca Examinadora:

Prof. Marcus Vinicius Gimenes Gil (Orientador)
Fundação Educacional do Município de Assis

Prof. Mestra Ana Luisa Antunes Dias (Coordenador)
Fundação Educacional do Município de Assis

Prof. Mestra Maria Lídia de Maio Bignotto (Membro)
Fundação Educacional do Município de Assis

ASSIS

2013

À minha Mãe e Padrasto, por todo amor e dedicação em todos esses anos.

Aos meus irmãos, pelo companheirismo e pelo apoio sempre que precisei.

Aos meus amigos, pelas melhores recordações da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Quando em janeiro de 2010 resolvi fazer o vestibular da Fema eu sabia como iria pagar a primeira parcela, mas não sabia como irias pagar as outras trinta e seis. Estava com 25 anos e desanimado, tudo passando tão rápido diante dos meus olhos, sem foco e distante dos meus objetivos.

O curso começou e com ele uma nova motivação, nunca paguei com tanto gosto uma parcela tão alta, mas como diz o ditado popular, alegria de pobre dura pouco. No mês seguinte fui demitido, me vi sem emprego e sem condições de estar me mantendo dentro da faculdade. Em meio ao vasto mundo da Comunicação, a área da Fotografia despertou meu olhar, minha paixão dentre os demais. Na verdade, não só despertou minha atenção, como também a vontade de trazê-la para minha vida. Tornei-me fotógrafo não por acaso, no terceiro mês de faculdade pude começar um trabalho na TV FEMA e lá tive o gosto pela filmagem. Troquei os textos teóricos pelas imagens, me casei com a câmera, mergulhei em um universo visual que até então não conhecia, enquadramentos, ângulos, formas e estética. Sabemos, porém, que todo casamento tem suas crises, e comigo não foi diferente.

Depois de vivê-la intensamente por três anos, vieram os questionamentos e o esgotamento do olhar para filmagem. Como alcançar uma estética particular? Resolvi comprar uma máquina fotográfica e descobri que somente pesquisando e refletindo muito é que eu iria resgatar minha boa relação com ela.

No começo foi bastante complicado, com uma novidade atrás da outra, o que só fazia crescer o meu interesse e curiosidade por esse mundo cheio de nuances e cores, repleto de vida e harmonia, cheio de regras para serem quebradas.

Quebrei, quebrei a cara inúmeras vezes, me tornei um quebra cabeça com tantas portas e janelas fechadas em minha cara, com todos os não que recebi e com todas as palavras sem apoio, quando tudo o que eu mais precisava era suporte para me manter em pé.

Apreendi, me informei, na verdade me formei, estou me formando graças a todos que passaram por mim e deixaram um pouco de si. Meu primeiro agradecimento vai para minha família, em especial para minha mãe. Meu obrigado a família Labcom (Laboratório de comunicação) e tudo o que pude aprender com cada um de vocês.

Aos professores: Alcione, Alex, Andréia, Bia, Dani, Diva Lea, Eliane Galvão, Fernando, Gil, Gisele, Gustavo, João Henrique, Leo, Lidia, Márcia, Paulo Miguel, Pepe, Sara, Sidney, Valverde e Rafael.

Minha agência Equalize, o melhor grupo que poderia ter caído, os melhores amigos que poderia ter feito, Fernanda e Jéssica.

Aos meu grandes amigos, Sérgio Bornea, Danilo Marmo, Felipe Favaretto, Heloisa Moreira, Matheus Assmann e por fim, minha tão presente namorada, Graziela Martins. Obrigado a todos. Amo vocês.

“A câmera fotográfica é um instrumento que ensina as pessoas a ver sem a câmera”.
Dorothea Lange.

RESUMO

A maneira de ver e compreender o mundo era até então simbólica e hierática quanto a veracidade alcançada pela arte. Foi essa postura que começou a ser profundamente estudada e alterada pelo homem. A natureza humana e toda a realidade sensível começou a ser vista de um novo ângulo a partir de uma certa fidelidade ao olhos humano. Esta monografia tem como objetivo mostrar a fotografia como meio de conscientização nos horrores causados pela guerra, através de uma viagem pela sua historia e estudos fotográficos.

Palavras - chave: Fotografia, análise, combate, guerra.

ABSTRACT

The way to see and understand the world was so far symbolic and hieratic as the truth achieved by the art. It was this stance that began to be deeply studied and altered by man. Human nature and all perceptible reality began to be seen from a new angle from a certain fidelity to the human eye. This monograph aims at showing the photograph as a way to raise awareness of the horrors caused by the war, via a journey through its history and photographic studies.

Keywords: Photography, analysis, fight, war.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - O nascimento da fotografia - (1827) - Joseph Nicephone Niépce.	16
Figura 2 - Ilustração de uma câmara escura construída por Charles Chevalier.	17
Figura 3 - Boulevard Temple, Paris, maio de 1838 - Jacques Mandé Daguerre.....	20
Figura 4 - Jabez Hogg: O retrato, 1817.	21
Figura 5 - James Nachtwey: Ruínas de Djacovica, destruída por sérvios, Kosovo, 1999. ..	27
Figura 6 - James Nachtwey: Em frente à tumba do irmão morto pelos Talibãs, Afeganistão, 1996.....	28
Figura 7 - James Nachtwey.	29
Figura 8 - James Nachtwey: Hutu, sobrevivente de um campo de morte em Ruanda, 1994.	30
Figura 9 - James Nachtwey: As ruínas de Grozny, Chechênia, 1996.	31
Figura 10 - James Nachtwey: Fome, Sudão, 1993	34
Figura 11 - James Nachtwey: Fome, Sudão, 1993	34
Figura 12 - Roger Fenton/The Library of Congress: O Acampamento da Cavalaria , 1855..	35
Figura 13 -Robert Capa: Soldados Americanos chegando na costa da Normandia..	Erro!
Indicador não definido.	
Figura 14 - Robert: Capa: Praia, Omaha, perto de Colleville-sur-Mer, costa da Normandia, 6 junho, 1944.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 15 - Robert Capa: Alemanha, 24 de Março de 1945, Paraquedistas americanos em ação.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 16 - Abril de 1945: Lager Nordhausen, onde acredita-se que 20.000 detentos morreram.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 17 - Abril de 1945: Morte no campo de concentração de Lager Nordhausem.....	39
Figura 18 - Modelo da Little Boy, lançada em 6 de agosto de Agosto de 1944, pelo B-29, pesando 4.406 quilos, às oito da manhã sobre Hiroshima.....	39
Figura 19 - Modelo da Fat man, lançada em 9 de Agosto de 1944 pelo B-29 denominado, Bockscar.....	40
Figura 20 - Enola Gay e sua tripulação (Paul Tibbets no centro) Lançaram "Little Boy" sobre Hiroshima.....	41
Figura 21 - O Bockscar e sua tripulação lançaram "Fat Man" sobre Nagasaki.	41
Figura 22 - B-29.....	42
Figura 23 - Enola Gay pousando na ilha Tinian, após o bombardeio no Japão.....	42

Figura 24 - Hiroshima, 6 de Agosto de 1944.....	43
Figura 25 - Nagasaki antes e depois do bombardeio.....	46
Figura 26 - Hiroshima antes do bombardeio.....	47
Figura 27 - Hiroshima depois do bombardeio.....	47
Figura 28 - Foto tirada em Hiroshima logo após a bomba cair.....	45
Figura 29 - Primeiro Ministro Japonês Mamoru Shigemitsu assinando carta de rendição...	49
Figura 30 - Bandeira Soviética, hasteada no prédio do Reichstag, após a Batalha de Berlim	47
Figura 31 - Jornal anunciando a morte de Hitler	471
Figura 32 - Benito Mussolini e a Amante Assassinados em 1957 Erro! Indicador não definido.	
Figura 33 -Thích Quảng Đức durante a autoimolação. A imagem foi feita pelo fotógrafo da Associated Press Malcolm Browne em 11 de julho de 1963.....	48
Figura 34 - Malcolm Browne : Thích Quảng Đức durante a autoimolação.....	49
Figura 35 - Kyoichi Sawada: Loc Thuong, Binh Dinh. Uma mãe tenta se salvar com os 4 filhos, três crianças e um bebê durante a guerra do Vietnã, em 1965.	50
Figura 36 - Horst Faas: Mulheres e crianças se agacham em um canal lamacento, para se proteger do intenso fogo vietcongue, em Bao Trai, cerca de 20 quilômetros a oeste de Saigon, em 1 de janeiro de 1966.....	51
Figura 37 - Marc Riboud: Jovem abre os braços contra as baionetas em frente do Pentágono, durante protesto contra a guerra do Vietnã. Washington, EUA, 1967	56
Figura 38 - Marc Riboud: Jovem estende uma flor contra as baionetas em frente do Pentágono, durante protesto contra a guerra do Vietnã. Washington, EUA, 1967.	56
Figura 39 - Eddie Adams: Execução em Saigon, em 1 de fevereiro de 1968.	57
Figura 40 - Eddie Adams: Execução em Saigon, 1 de fevereiro de 1968.....	57
Figura 41 - Eddie Adams: Execução em Saigon, 1 de fevereiro de 1968.....	58
Figura 42 - O Dr. Howe (Glencoe, MN) trata as feridas do soldado de primeira classe Da Crum (New Brighton, PA), 2 ° Batalhão do 5° regimento da Marinha, durante a Operação Cidade Hue ,em 06 de fevereiro de 1968. (Departamento de Defesa dos EUA	59
Figura 43 - Hugh Van Es, AP Photo: Um paraquedista norte-americano ferido, enquanto espera transporte médico, no acampamento base, no vale Shau, perto da fronteira com o Laos, em 19 de maio de 1969	59
Figura 44 - Don McCullin.....	57
Figura 45 - Nick Ut: Vietnã, (AP Photo) 1972: Vítima de napalm, Kim Phuc, de nove anos, corre nua e grita de dor.	57

Figura 46 - Nick Ut: Vietnã, 1972: Equipes de TV e soldados sul-vietnamitas cercam Kim Phuc, vítima do “fogo amigo”, num ataque aéreo sobre uma vila de civis, 8 de junho de 1972	58
Figura 47 - Sal Veder, AP Photo: O tenente-coronel Robert L. Stirm, prisioneiro libertado de guerra, é saudado por sua família em Fairfield, Califórnia em 17 de março de 1973, quando ele retorna para casa da Guerra do Vietnã.	59
Figura 48 - Vietnam News Agency / Reuters: As tropas norte-vietnamitas correm pela pista de Tan Son Nhat, base aérea em Saigon, em 30 de abril de 1975. A tomada de Saigon marcou a queda do sul, apoiado pelos EUA e o fim de uma década de luta..	59
Figura 49 - Neal Ulevich, AP Photo: Multidões de vietnamitas tentam escalar o muro da Embaixada dos EUA em Saigon, Vietnã, tentando chegar à zona de embarque de helicóptero, pouco antes do final da Guerra do Vietnã em 29 de abril de 1975.....	60
Figura 50 - AP Photo: O tanque norte–vietnamita derruba o portão do palácio presidencial em Saigon, o que significa a queda do Vietnã do Sul, em 30 de abril de 1975.	61
Figura 51 - Protestos na Praça da Paz Celestial em Pequim, em 5 de junho de 1989.....	66
Figura 52 - Charlie Cole: Em Pequim, 5 de junho 1989: O Homem dos Tanques	67
Figura 53 - Terril Jones: Um novo ângulo para a famosa foto: O Homem dos Tanques	67
Figura 54 - Kevin Carter: Primeira vez publicada em 26 de março de 1993, intitulada, Espreitando a morte	69
Figura 55 - Steve McCurry: PERU, 2004, Alto Churumazu. Yanesha.....	65
Figura 56 - Mauricio Lima/AFP/Getty imagens: Menino Iraquiano Ayad Alim Brissam Karim mostra uma de suas fotos tiradas antes de seu acidente. Helicópteros americanos atacaram o campo vegetal onde brincava o deixando-o sem visão e com queimaduras em seu rosto	66
Figura 57 - AFP: Gaza, 05 de janeiro de 2009.....	67
Figura 58 - AFP: Gaza, 05 de janeiro de 2009. O corpo de um dos três irmãos palestinos da família Al-Samoni, morto por um projétil de tanque israelense, encontra-se no necrotério do Hospital Al-Shifa, em 5 de janeiro de 2009 na Cidade de Gaza. Sete membros da família Al-Samoni foram mortos, incluindo a mãe, três crianças e um bebê, quando um projétil Israelense atingiu sua casa, ao sul da Cidade de Gaza	67
Figura 59 - AFP: Gaza, 05 de janeiro de 2009.....	69
Figura 60 - AFP: Gaza, 05 de janeiro de 2009.....	70

Figura 61 - AFP: Gaza, 05 de janeiro de 2009: O corpo dos três irmãos palestinos da família Al-Samoni, mortos por um projétil de tanque israelense, encontra-se no necrotério do Hospital Al-Shifa	70
Figura 62 - AFP: Gaza, 05 de janeiro de 2009	74
Figura 63 - AFP: Gaza, 05 de janeiro de 2009	74
Figura 64 - AFP: Gaza, 05 de janeiro de 2009	75
Figura 65 - Wissam Nassa: The 2009 massacre em Gaza will be for international solidarity with Palestine what the Sharpeville massacre was for the international solidarity against apartheid in South Africa	76
Figura 66 - <i>Thair Hasani: Getty Image</i>	76
Figura 67 - James Nachtwey	74
Figura 68 - War photographer	78
Figura 69 - James Nachtwey: Somalia, 1992 - Child starved by famine, a man-made weapon of mass extermination.	75
Figura 70 - James Nachtwey: Sudan, 1993 , Famine victim in a feeding.	76
Figura 71 - James Nachtwey: Bosnia, 1993 - Mourning a soldier killed by Serbs and buried in what was once a football field.....	76
Figura 72 - James Nachtwey: Zaire, 1994 - Hutu refugees were struck by cholera and buried in mass graves	77
Figura 73 - James Nachtwey: The massacre at Nyarabuye took place in the grounds of a Catholic Church and school. Hundreds of Tutsis, including many children, were slaughtered at close range, Rwanda, 1994.....	78
Figura 74 - James Nachtwey : Ruanda, 1994	82
Figura 75 - Robert Capa, 2010.....	84
Figura 76 - Robert Capa, 2010, p.19: Morte de um Soldado Legalista. Este homem foi recentemente identificado como Federico Borrell Garcia, um membro da milícia da vila de Alcoy, próximo a Alicante	85
Figura 77 - Robert Robert : O funeral, Neapolitan Mother Mourning her Son, 1943	88
Figura 78 - John Steinbeck, A Russian Journal, 1948.....	82

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	8
ABSTRACT	9
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	10
INTRODUÇÃO	15
1 - O SURGIMENTO DA FOTOGRAFIA	16
2 - ELEMENTOS DA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA.....	24
3 - PLANOS E ENQUADRAMENTOS.....	26
3.1 - Grande Plano Geral (GPG).....	27
3.2 Plano Geral (PG).....	28
3.3 Plano Médio (PM) ou Plano Americano	29
3.4 Primeiro Plano (PP) ou Close.....	30
3.5 Plano de Detalhe (PD) ou Big Close	31
4 - REGRA DOS TERÇOS E PROPORÇÃO ÁUREA.....	32
5 - A FOTOGRAFIA COMO ARMA NO COMBATE AOS HORRORES CAUSADOSPELA GUERRA	35
5.1 Choque de Realidade.....	69
CONCLUSÃO	84
ANEXO	85
REFERÊNCIAS	94

INTRODUÇÃO

Ao longo do século passado, a comunicação visual, inicialmente por meio da pintura, passando pela fotografia e chegando aos meios audiovisuais, como a televisão e o cinema, ganharam força e relevância como ferramenta de informação. O rápido desenvolvimento tecnológico acarretou as diversas transformações geradas tanto no modo de produzir e conceituar, como também em interpretar uma imagem.

Este trabalho tem como objetivo geral abordar o seguinte tema: “*A FOTOGRAFIA COMO ARMA NA CONSCIENTIZAÇÃO DOS HORRORES CAUSADOS PELA GUERRA*”. Onde será apresentada a história da fotografia, os planos e enquadramentos, e por fim, como a fotografia pode ser usada contra os horrores causados pela guerra.

A importância desse trabalho se reflete em, através de imagens fotográficas evocar o sentido de humanidade que a guerra tende a negar, constituindo-se como um poderoso antídoto contra a opressão de um povo.

Metodologicamente, este trabalho adotou para a pesquisa o uso de livros, sites especializados e documentários que abordassem o assunto, trazendo imagens que representassem a injustiça e a realidade cruel que acontecem durante a guerra.

1 - O SURGIMENTO DA FOTOGRAFIA

O nascimento da fotografia aconteceu com o inventor francês Joseph Nicéphore Niépce (1765-1833).

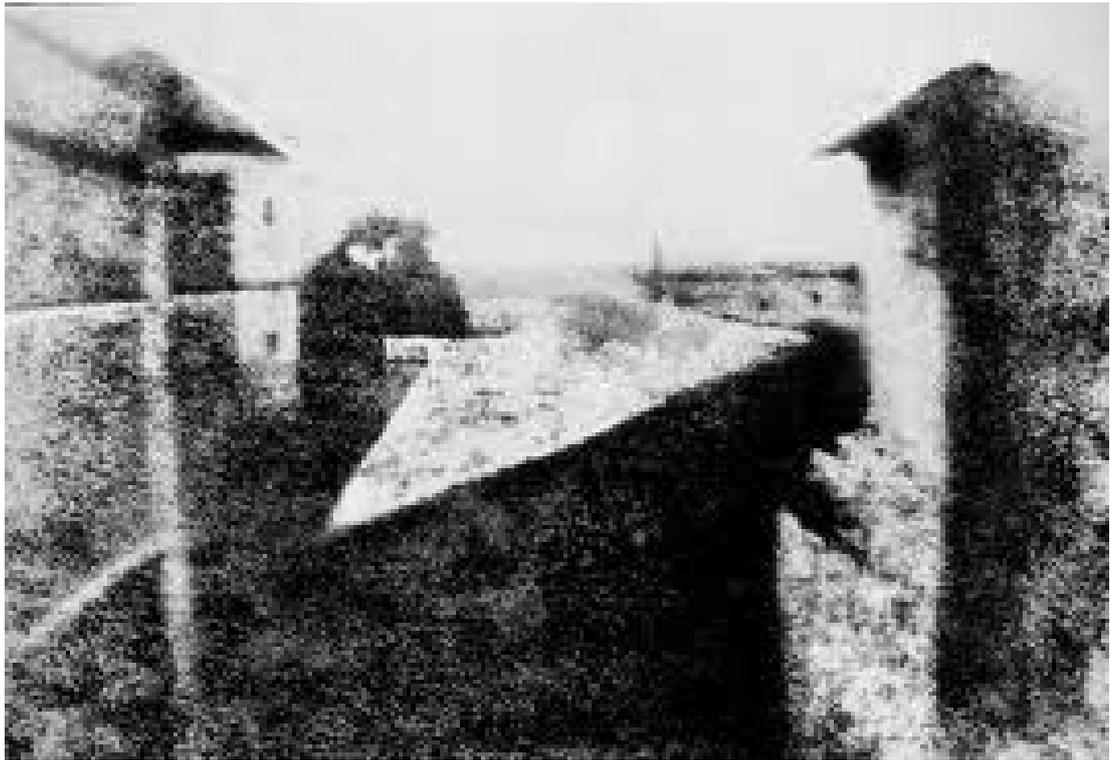


Figura 1 - O nascimento da fotografia - (1827) - Joseph Nicéphore Niépce.

A vista em Le Gras representa um marco na história da fotografia, tirada pelo inventor francês Joseph Niépce (1826-1827). É considerada a foto mais antiga já feita, todavia só foi revelada ao mundo doze anos depois de fotografada, em 1839.

Muito embora seus elementos fundamentais já fossem conhecidos, com Aristóteles e a câmara escura, precisamente no século IV A.C., Joseph Niépce constatou o fenômeno observando as formas de um eclipse solar parcialmente projetadas no chão por causa de buracos nas folhas de uma árvore.

“A imagem do sol durante um eclipse, antes de ser total, demonstra que, quando a luz da mesma passa através de um pequeno orifício circular e encontra uma superfície plana no lado oposto, a imagem aparece invertida. A imagem do sol mostra esta particularidade somente quando o orifício é muito pequeno. Quando a abertura aumenta, a imagem muda”.¹

Em meados do século XVI os poucos eficientes orifícios foram substituídos por lentes, resultando em imagens mais nítidas, a câmara escura que conhecemos hoje se deu no século XVII, teve seu tamanho reduzido nos moldes de uma urna e o acoplamento de uma tenda.

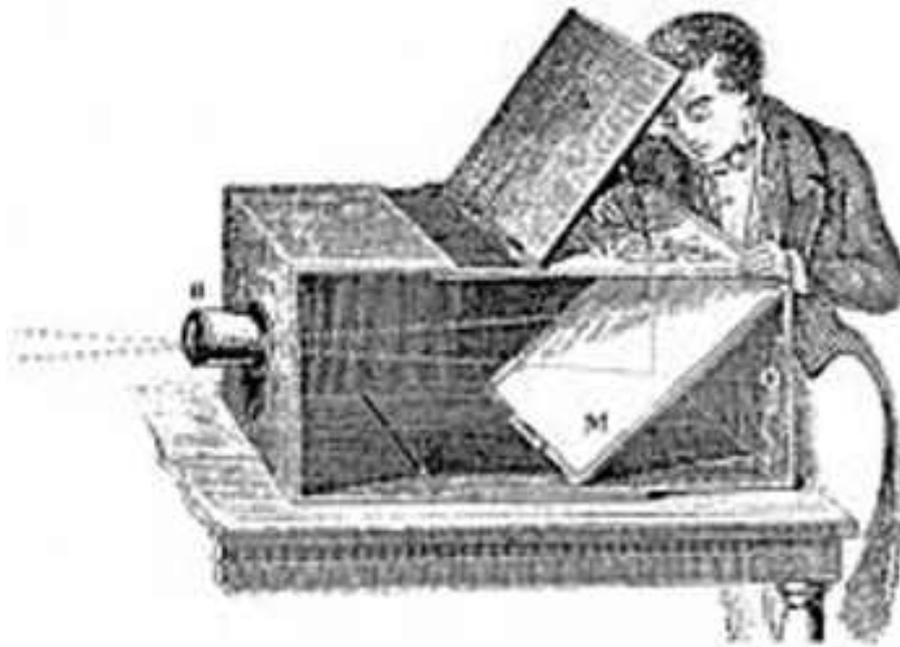


Figura 2 - Ilustração de uma câmara escura construída por Charles Chevalier.

Para que a fotografia pudesse evoluir era fundamental que uma substância sensível à luz fosse encontrada. Segundo David Company, *"os efeitos da luz sobre objetos físicos eram bem conhecidos – a capacidade da luz do sol de bronzear a pele, por exemplo – e alquimistas já haviam identificado várias substâncias que reagem à luminosidade, geralmente escurecendo".²*

¹ SIN, Michel Téó. *História da fotografia: A Câmara Escura*. Disponível em: <<http://www.michelteosin.com.br/blog/historia-da-fotografia-a-camara-escura/>> Acesso em: 17-07-2013.

² COMPANYY, David; HACKING, Juliet. *Tudo sobre Fotografia*, p. 18.

Os químicos Carl Wilhelm Scheele e Elizabeth Fulhame utilizaram técnicas diferentes em busca de um mesmo resultado. Carl utilizou luz para fixar uma imagem em um frasco. Já Elizabeth Fulhame explorou diversas ideias, sendo uma delas a formação de imagens de rios em ácidos cloro áurico fotossensível em um mapa de pano.

Já Thomas Wedgwood (1771-1805) começou a utilizar nitrato de prata fotossensível em papel e couro e, sem conseguir fazer com que uma quantidade suficiente de luz atravessasse a lente de uma câmera, ele criou fotogramas³.

Wedgwood havia concebido a ideia de fotografia e criado imagens, mas não foi capaz de preservá-las. O problema é que, após ser feita a impressão da imagem no papel com sais de prata, esta imagem não se mantinha estável, pois a prata continuava fotossensível, reagindo à luz e ficando mais negra à medida que recebia maior quantidade de luz. Após a experimentação de diferentes tipos de resinas expostas à luz do sol, conseguiu tornar permanentes em um suporte base imagens observadas em uma câmera escura construída por Charles Chevalier.

Após, surgiram dois caminhos distintos que nortearam o futuro da fotografia. Joseph Nicephone Niépce sabia que alguns tipos de asfalto, entre eles o betume da Judéia, endureciam quando expostos à luz. Para realizar seus experimentos, dissolveu-o em óleo de lavanda, cobrindo-o por um composto formado por uma liga de antimônio, estanho, cobre e chumbo.

Colocou- os em cima da superfície preparada por uma ilustração a traço banhada em óleo, com a finalidade de ficar translúcida. Feito isso, o expôs ao sol resultando no endurecimento (polimerização) do asfalto em todas as áreas transparentes do desenho atingidas pela luz sobre a chapa, entretanto, nas partes protegidas, o revestimento continuou solúvel.

Niépce então lavou a chapa com óleo de lavanda removendo o betume não polimerizado. Depois imergiu a chapa em ácido, este penetrou nas áreas em que o betume tinha sido removido e as corroeu, formando desta forma uma imagem que poderia ser usada para reprodução de outras cópias.

³ *História da fotografia*. Disponível em: < <http://www.fotoreal.com.br/fotografia/historia-da-fotografia/>> Acesso em: 17-07-2013.

O inglês Henry Fox Taubot (1800-1877) começou sua busca pela fotografia pouco tempo depois da morte de Niépce, em 1833. Henry viajou pela Itália, buscando ajuda da câmara clara, uma invenção portátil que utilizava um prisma na ponta de uma haste para projetar imagem em uma superfície. Era algo bem similar à câmara escura, só que dispensava a fonte de luz intensa.

Dentre tantas tentativas, quem conseguiu fixar de modo permanente as imagens na câmara escura foi o francês Louis Jacques Mandé Daguerre que, em 1837, descobriu que uma imagem latente poderia ser revelada com vapor de mercúrio, reduzindo o tempo de exposição para 20 ou 30 minutos. No mesmo ano encontrou um fixador necessário: uma solução de sal comum.

Um ano depois, com a proteção do astrônomo e deputado Dominique François-Jean Arago e do cientista e também deputado Gay-Lussac, conseguiu que o governo francês comprasse o invento, batizou-o de “Daguerreotipo”.

Daguerre não se limitou somente a tentativas em estúdio. Registrou também seu cotidiano, o qual expunha orgulhosamente.

Em meados de maio de 1838 montou sua câmara escura em frente a sua janela, no andar superior da “*Rue Des Marais*” número 5.



Figura 3 - Boulevard Temple, Paris, maio de 1838 - Jacques Mandé Daguerre.

Taubot e Daguerre travaram uma busca incessante pela fotografia. No ano de 1839, ambos anunciavam a fixação de imagens captadas pela câmera escura. Os dois sistemas envolviam os princípios químicos e ópticos conhecidos há tempos. No entanto, o inglês e o francês chegaram a resultados um tanto distintos.

O invento de Taubot seria mais importante para o desenvolvimento da fotografia nos anos seguintes: uma imagem monocromática fixada em papel, invertida em sua posição e em seus tons - um negativo, tratado depois quimicamente para ser revertido.

Todavia, foi Daguerre, com sua única e não-duplicável imagem invertida sobre uma placa de metal, o daguerreotipo, que alcançou grande popularidade em seu tempo. Ele deu uma nova dimensão ao invento, vez que entendia de promoção, marketing e do gosto popular, dando um rumo diferente ao que Niépce imaginou para o seu invento.

Entre o público das grandes cidades, surgia uma enorme audiência para as imagens pictóricas. A classe média era cada vez mais influente após a crescente perda de poder da igreja e da nobreza. Menos instruídos que os aristocratas, os burgueses preferiam expressões mais simples, de fácil entendimento - gravuras e litografias com cenas anedóticas, paisagens idílicas, cenas e retratos familiares. Não foi difícil para a fotografia nascente ocupar esse espaço de preferências.

O anúncio do governo francês sobre a nova máquina causou uma ebulição pública. Arago (1839), em discursos e entrevistas, afirmava que o método não requeria nenhum conhecimento de desenho ou habilidade manual: *"qualquer um poderia obter sucesso e manejá-lo tão bem como o inventor"*.

Os avanços na fotografia foram rápidos, correspondendo ao enorme interesse despertado na época pela atividade. A procura por novos materiais e processos químicos para suporte que encurtassem a exposição e acelerasse a revelação e aperfeiçoassem a fixação das imagens foi incessante. Paralelamente, a busca de meios que facilitassem a disseminação da fotografia também foi espantosa: no espaço de poucos anos surgiram novos formatos e modalidades de câmeras, algumas delas servindo de parâmetro para o futuro e outras destinadas à curiosidade histórica.



Figura 4 - Jabez Hogg: O retrato 1817.

A imagem acima foi realizada em meados de 1842, supostamente por Jabez Hogg (1817-1899). O fotógrafo demonstra como tirar um retrato com uma daguerreotipia, com ele mesmo no comando da máquina.

Em 1851, com colódio contendo iodeto de potássio, Frederick Scott Archer recobriu uniformemente uma placa de vidro, sensibilizada com nitrato de prata. Archer descobria um método que iria suplantiar todos os existentes até então: a sensibilização foi aumentada e a exposição caiu para 10 a 90 segundos para paisagens e de 2 a 20 segundos para retratos pequenos (os ambrotipos). A revelação se dava com sulfato de ferro e a fixação com hipossulfito de sódio ou cianeto de potássio⁴.

Neste período, com a simplificação do processo fotográfico, algumas pessoas começam a questionar a única função da fotografia: retratista. A partir desta fase,

⁴ *História da fotografia*. Disponível em: < <http://www.fotoreal.com.br/fotografia/historia-da-fotografia/>> Acesso em: 15-08-2013.

aparecem os trabalhos mais criativos, como as primeiras fotografias de guerra, feitas pelo fotógrafo Roger Fenton em 1855, na guerra da Criméia.

Em 1865, Julia M. Cameron (1815-1879), a mais notável retratista inglesa, utilizou de maneira muito criativa a luz. Fotografou pessoas famosas como Charles Darwin e Sir John Herschel, cientista amigo de Talbot, responsável pelos termos, positivo e negativo. Na Europa é também conhecido como o criador do termo "fotografia".

Richard Leach Maddox, médico inglês, em 1871 fixa o brometo de prata em uma suspensão gelatinosa, criando assim o processo de chapas secas. O processo que substitui o colódio úmido é publicado no British Journal of Photograph, em setembro. De início, o processo tem a desvantagem de ser mais lento, mas logo é aperfeiçoado e cria-se a placa seca de gelatina e com produção industrial. A partir de então foi possível fotografar o movimento (tempo de exposição: 1/2 segundo) e o design das câmeras é aprimorado, ou seja, ficam menores, mais leves e mais próximas ainda das pessoas.

Surgem os banhos coloridos com uso de corantes (tipo banho sépia ou azul) e aumenta-se a sensibilidade às cores, banhando-se a emulsão fotossensível em anilina, criando o filme ortocromático.

No ano de 1884, George Eastman, lança o filme em rolo com vinte e quatro chapas, com base de papel e gelatina. Em 1886, a Eastman Dry Plate Company, passa a se chamar Kodak.

Começam a surgir várias evoluções na fotografia, uma seguida da outra, tal como em 1906, quando os irmãos August e Louis Lumière apresentaram os primeiros filmes para revelação a cores (autochrome), que já não precisavam de uma tripla exposição através de uma câmera especial. Em 1925 - Usam-se partículas de magnésio para a iluminação artificial. O resultado deste primitivo Flash é um raio de luz brilhante e uma fumaça ácida. Surge também a famosa Leica, máquina excelente e precursora de todas as câmaras de 35mm.

A partir de 1930, a fotografia passa a ser usada para expor problemas sociais e momentos históricos. O fotógrafo Henry Cartier-Bresson utiliza uma câmera em miniatura para captar "momentos decisivos" na vida das pessoas. Seu sucesso no registro de acontecimentos e emoções fugazes influenciou enormemente não só o

fotojornalismo, como também introduziu um novo conceito na fotografia artística. A partir de 1930, na Europa e nos Estados Unidos, os críticos especializados consideram três as tendências em fotografia:

- utilização de grandes câmeras e amplos negativos, com obtenção de cópias ricas em gradações tonais, interpretando de modo mais vivido a realidade;
- exploração de novos aperfeiçoamentos tecnológicos para fixar o instante mais fugaz e os aspectos mais inusitados e insuspeitados da realidade;
- invenção de formas abstratas com a existência estática própria.

No mesmo ano começam a surgir os primeiros flashes fotográficos. Em seguida, no ano de 1941, a Kodak lança o primeiro negativo colorido - Kodacolor.

Entre 1939 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, muitos são os avanços na área da fotografia, desde o desenho de novas lentes até o intercâmbio de lentes.

Em 1947, surge a câmera de fotos instantânea, A Polaroid, baseada em um processo desenvolvido pelo físico americano Edwin H. Land.

Desde o início deste século, a história passou a caracterizar-se mais pelo aperfeiçoamento do que por inovações propriamente ditas.

No ano 2000, as máquinas digitais ganham força em todo o mundo, resoluções e pixels avançados fazem da foto digital o diferencial para fotorreportagens. As máquinas digitais amadoras viraram "febre" entre os adolescentes e os apaixonados por fotografia. Em todo lugar que se aglomeram pessoas, registra-se a presença de inúmeras câmeras digitais de diversas resoluções e modelos.

Registrando tudo o que acontece ao redor, além de poderem ser descarregadas em um micro tanto para armazenamento, quanto para compartilhamento em redes sociais.

Sendo assim, pode-se observar que a história da fotografia está diretamente ligada ao estudo da luz e dos fenômenos óticos, e que a fotografia não é invenção de apenas um homem, bem como todos os experimentos realizados para a descoberta desta, foram de grande importância para o mundo da fotoquímica.

2 - ELEMENTOS DA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA

Cada fotografia é única e carrega consigo uma série de significados que narram, emitem e transmitem emoções e sentidos a algo pré-determinado, não apenas pelo que será fotografado, mas também como serão fotografado os elementos propostos. A fotografia pode ser esmiuçada item por item, assim sendo, buscamos e descobrimos as variáveis que dão sentido e propósito a ela. Tais elementos são chamados de linguagem fotográfica, a saber⁵:

- Ponto: Dentro da unidade visual repleto de formas é o elemento mais simples, toda via nos dá um ponto de partida, uma referencia visual ou até mesmo um indicador de espaço que nos norteia.

- Linha: Quando os pontos estão extremamente próximos entre si nos tirando a sensação de unidade e aumentando a sensação de direção, essa cadeia de pontos somadas assume a forma de outro elemento visual distintivo, a linha. Podemos dizer que não existe fotografia sem linha, pois é ela que delimita tudo que está em nosso quadro de visão, tornando palpável aquilo que ainda não existe. A linha pode assumir dentro da arte diversas formas, imprecisa e indisciplinada, delicada e ondulada, ou nítida ou grosseira, dependendo de quem a faça, a linha raramente existe dentro da natureza, ela aparece em formas corriqueiras: nas rachaduras de uma calçada, em troncos de arvores e muito utilizada por fotógrafos nas expressões humanas, aja visto a justaposição de tons.

- Forma: Dentro da linguagem visual a linha descreve uma forma e toda sua complexidade, existem três tipos básicos de formas o quadrado, o círculo e o triângulo equilátero, cada uma com características e diversos significados. A forma no âmbito fotográfico é de grande valia, pois define tudo aquilo que pretendemos, Se fotografamos uma pessoas de um ângulo mais baixo, a tendência é que as linhas fiquem convergentes para cima, transparecendo altura.

- Textura: Dentro da fotografia a textura é o elemento visual utilizado como substituto para as qualidades de outro sentido, o tato, e podemos ter esse controle através de luz e sombra. Segundo Donis A. Dondis, a textura se relaciona com a composição de uma substância através de variações mínimas na superfície do material.

⁵ DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*, p. 70.

- Luz e Sombra: Em inglês esse termo é chamado de *value*, mesmo sem ter uma tradução exata é de fácil entendimento dizer que é um jogo de claro e escuro. *Luz e sombra se complementam em dependência mútua, são como um ímã para os olhos, pois contrapõem os dois elementos em um equilíbrio estético, a sombra é tão importante quanto a luz, e as composições formadas a partir desse balanço são rigorosas a ponto de satisfazer os olhos mais exigentes.*

- Tom: As variantes de luz e tom são os meios pelos quais conseguimos distinguir visualmente as complexidades óticas em um determinado ambiente. Em suma, se vê o que está claro ou escuro porque um se superpõe ao outro.

- Cor: Dentro da fotografia a cor é um dos elementos mais poderosos e ecléticos existentes, ela grita o que sentimos pois está diretamente ligada as nossas emoções. As cores passam sentimentos, emoções e interpretações culturais.

3 - PLANOS E ENQUADRAMENTOS

A linguagem fotográfica⁶ está relacionada às características e aos modos pelos quais se fotografa, para se chegar a um determinado objetivo, necessita-se transpor um complexo processo técnico. Os planos fotográficos não são apenas uma mera diferença formal, cada plano possui uma dramaticidade narrativa capaz de mostrar com outros olhos um determinado fato. Três grupos dividem o que chamamos de planos ou enquadramentos fotográficos (seguindo-se a nomenclatura cinematográfica)⁷.

- os planos gerais;
- os planos médios;
- os primeiros planos.

⁶ Disponível em : <<http://www.dhnet.org.br/w3/henrique/galeria/biblioteca/textosfoto/linguagem3.htm>>. Acesso em: 15-08-2013.

⁷ Disponível em : <<http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>>. Acesso em: 02-11-2013.

3.1 - Grande Plano Geral (GPG)

É um plano mais aberto e abrangente, tem como principal característica a referência geográfica. Essa fotografia de James Nachtwey possui um grande valor descritivo e dramático que se dá pelo esmagamento social pelo ambiente, enfatizado pela destruição local.



Figura 5 - James Nachtwey: Ruínas de Djacovica, destruída por sérvios, Kosovo, 1999.

3.2 Plano Geral (PG)

Diferentemente do (GPG) esse é um plano mais referencial, tendo uma função mais específica, o ambiente ocupa uma parcela menor do quadro, dividindo assim as atenções entre o ambiente com sujeito.

A dramaticidade descritiva e inerente que advém dessa fotografia situa a ação e situa o homem no ambiente em que ocorre o fato.



Figura 6 - James Nachtwey: Em frente à tumba do irmão morto pelos Talibãs, Afeganistão, 1996.

3.3 Plano Médio (PM) ou Plano Americano

Quase sempre da cintura para cima, é um plano muito utilizado no telejornalismo por uma razão simples: A distância do plano em que a câmera capta o personagem é igual à distância do personagem para o espectador, externando proximidade, intimidade.

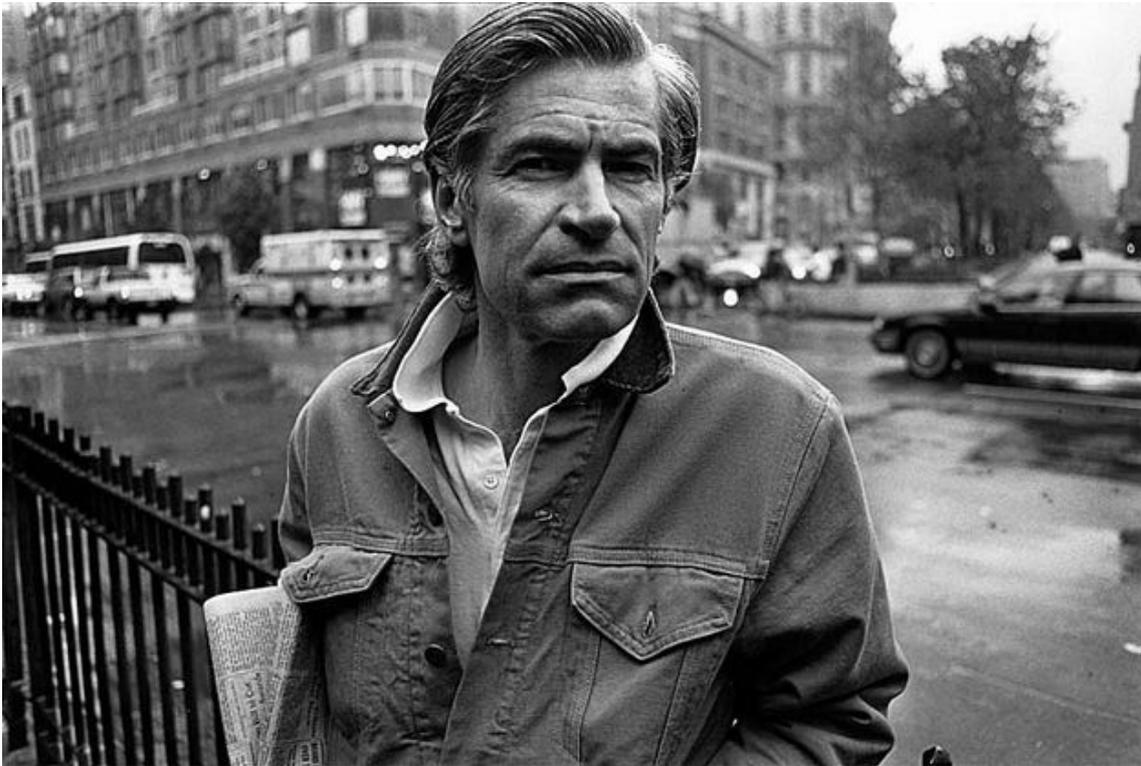


Figura 7 - James Nachtwey.

3.4 Primeiro Plano (PP) ou Close

Enquadra o sujeito dando notoriedade ao seu semblante, tem como função principal externar a emoção presente naquele momento, isolando o elemento fotografado e guiando o olhar de quem vê para aquilo que se deseja.



Figura 8 - James Nachtwey: Hutu, sobrevivente de um campo de morte em Ruanda, 1994.

3.5 Plano de Detalhe (PD) ou Big Close

O plano detalhe é como um olhar mais minucioso do primeiro plano, tem como função evidenciar e detalhar aquilo que se deseja, texturas, formas e emoções, é um plano de grande impacto pela ampliação que se dá a um pormenor.



Figura 9 - James Nachtwey: As ruínas de Grozny, Chechênia, 1996.

4 - REGRA DOS TERÇOS E PROPORÇÃO ÁUREA

Se você já fotografou provavelmente já deve ter ouvido falar sobre a regra dos terços, toda via ela é derivada de uma proporção muito conhecida e antiga, chamada de proporção áurea ou proporção de ouro⁸. Essa proporção foi muito utilizada pelos pintores renascentistas com intuito de resgatar e demonstrar a eficácia da representação visual, até então utilizada na Grécia antiga com muita eficácia.

O número de ouro ou razão áurea é 1,61803399 (arredondado para 1,618) denotado pela letra grega ϕ . Este número Fibonacci é uma homenagem ao escultor Phidias (Fidías) e chamado de Phi. A sequência Fibonacci é alcançada pela soma de um número com o seu anterior, que formará o próximo valor da seqüência ex:

1

$1+1 = 2$ (o anterior de 1 é 1)

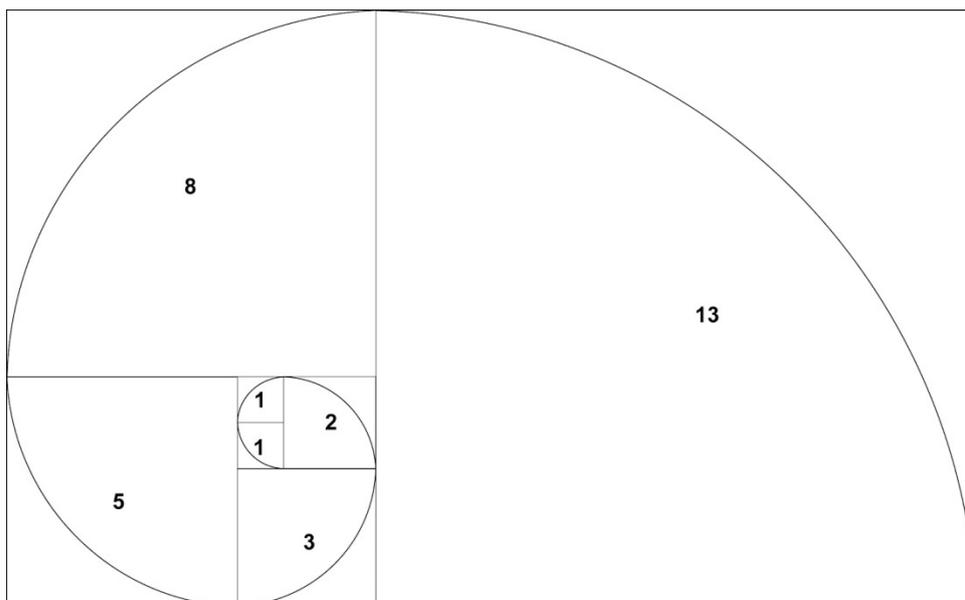
$2+1 = 3$ (o anterior de 2 é 1)

$3+2 = 5$ (o anterior de 3 é 2)

$5+3 = 8$

$8+5 = 13$

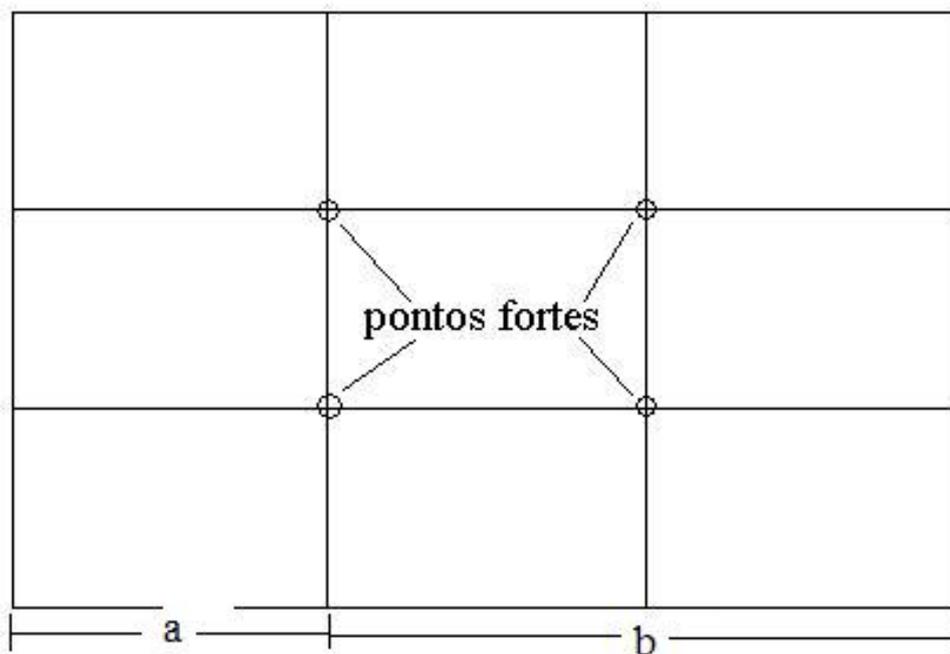
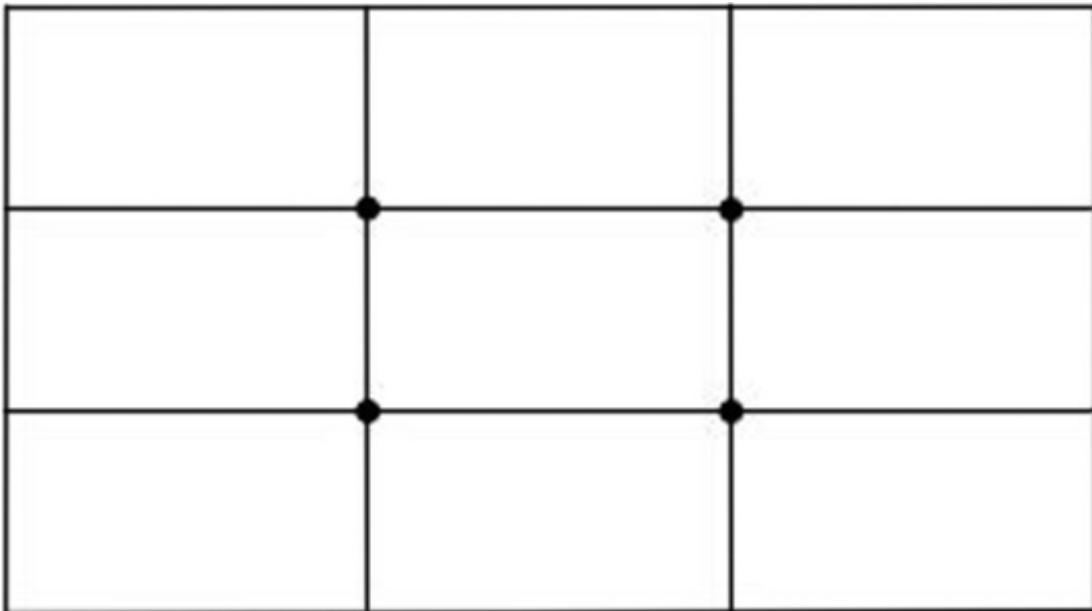
$13+8 = 21$



⁸Disponível em: <<http://www.lightroom.com.br/2011/08/regra-dos-tercos/>>. Acesso em: 18-08-2013.

O que torna o Phi tão belo e explorado por inúmeros fotógrafos, pintores, artistas, arquitetos e músicos é o fato de encontrá-lo no corpo humano, natureza e universo.

Na fotografia tem como objeto conseguir uma imagem visualmente equilibrada e interessante, o ponto de foco ou interesse deve estar colocado na intersecção das linhas que dividem a área da foto em terços, de cima para baixo e da esquerda para direita.



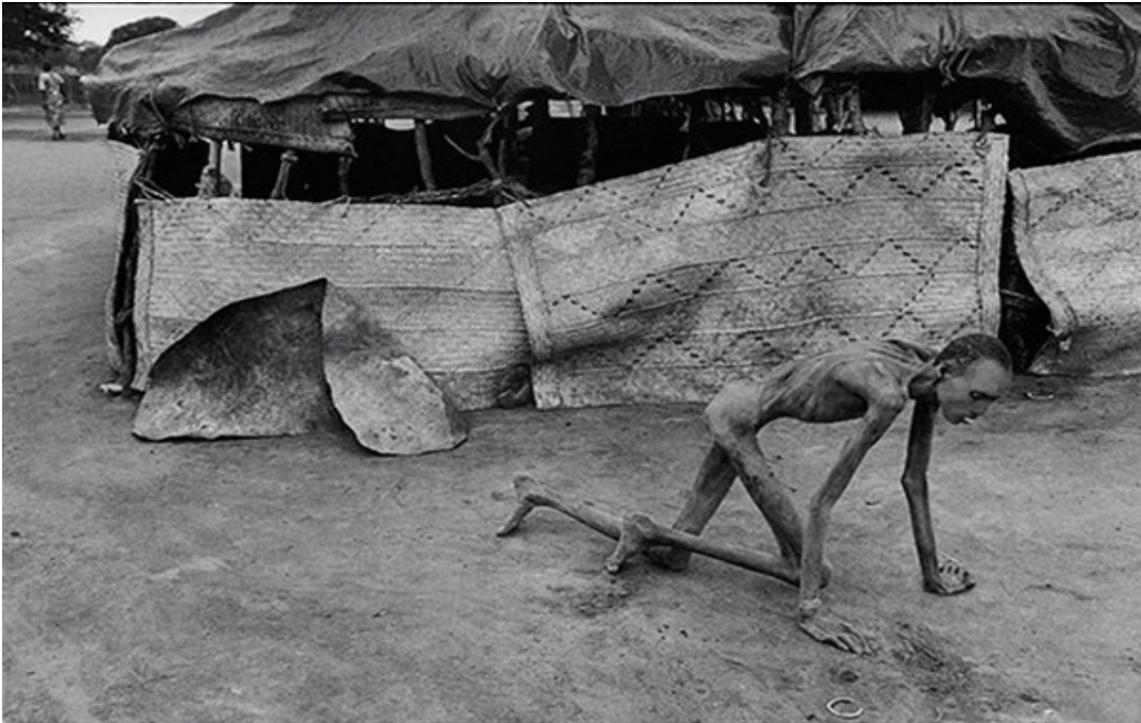


Figura 10 - James Nachtwey: Fome, Sudão, 1993

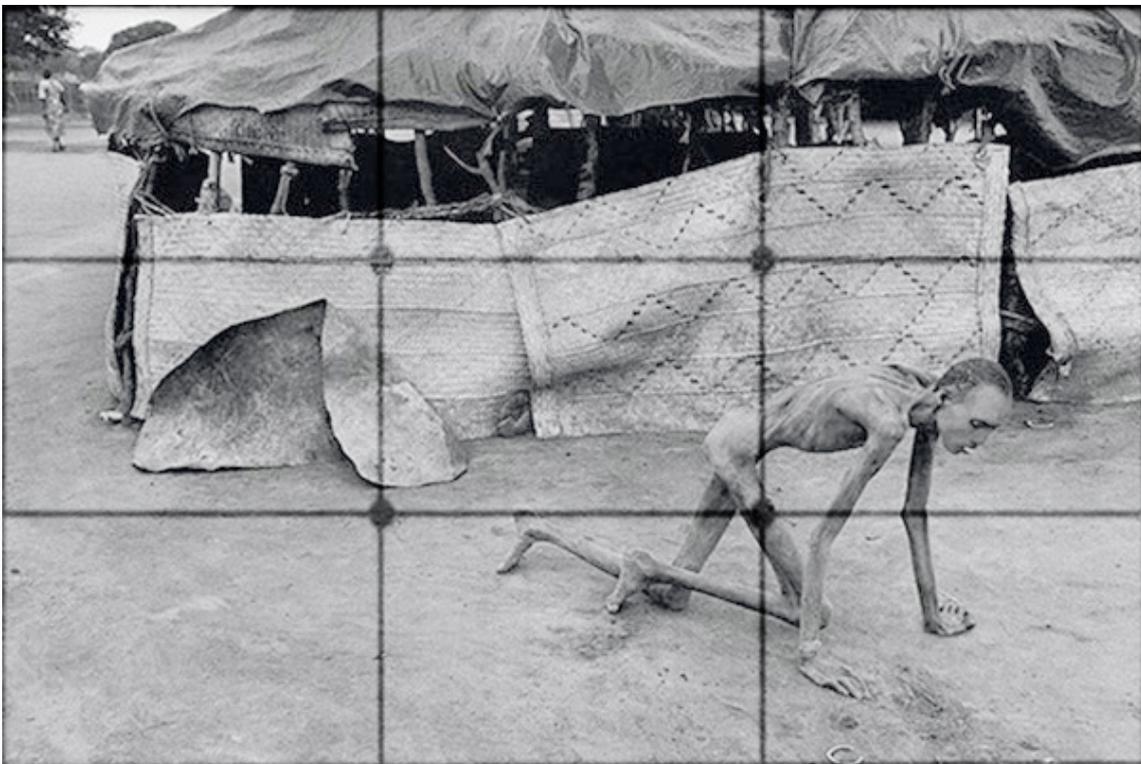


Figura 11 - James Nachtwey: Fome, Sudão, 1993

5 - A FOTOGRAFIA COMO ARMA NO COMBATE AOS HORRORES CAUSADOS PELA GUERRA

Em 1853-1856 na Criméia ocorreu a primeira incursão oficial fotojornalística em uma guerra que contrapôs o império Russo a uma aliança formada por França, Reino Unido, Itália e Turquia, na época império Turco-Otomano. Com ela veio os primeiros bônus e ônus, ratificou-se toda sua viabilidade para fins jornalísticos, entretanto surgiram as primeiras lacunas decorrentes de problemas técnicos, não dá fotografia em si, mas pelo processo rústico de impressão derivado de um maquinário pouco eficiente que só permitia a publicação em formas de gravura.



Figura 12 - Roger Fenton/The Library of Congress: O Acampamento da Cavalaria, 1855.

O desenvolvimento fotográfico foi rápido e intenso comandado pelo interesse industrial, as saídas a campo tornaram-se constantes, fotógrafos não estavam mais limitados as dependências de um estúdio e focavam seus interesses aos registros de guerras.

A guerra e a arte sempre estiveram de mãos dadas norteadas pelo interesse popular e representada artisticamente por pintores. Os fotojornalistas surgiram com interesse de relatar o seu testemunho em formas de fotografia. O processo fotográfico (gravação e revelação) metaforiza, inúmeras vezes, o processo da escrita (...) como se a escrita, ao condensar os dois tempos da operação fotográfica, conservando principalmente os traços que conduzem de um ao outro, se tornasse ela também uma fotografia".

O inglês Roger Fenton⁹ entrou para história como o primeiro fotógrafo de guerra ao escrever tais testemunhos com imagens, advogado com nuances artísticos, Fenton foi mandado para Criméia pelo governo Britânico e não foi imparcial, mostrou uma guerra inverossímil, sua função era fazer registros amenos, exaltando o exercito inglês e enaltecendo a preocupação da coroa por seus filhos, aliviando as criticas que até então recebia.

*"No contrato estava incluído além da [...] publicação de suas fotos (na forma de estampas) em um jornal semanal menos tradicional e menos crítico, The Illustrated London News, a exposição das fotos em uma galeria e a comercialização destas em forma de livro, quando voltasse à Inglaterra"*¹⁰.

Mesmo se assim quisesse Roger Fenton encontraria uma série de problemas para registrar cenas dinâmicas, os equipamentos eram rudimentares, demandavam um longo tempo de exposição, os filtros eram pouco sensíveis e as lentes eram muito escuras, assim sendo, impediria o registro de ações rápidas no fronte de batalha. "A técnica utilizada à época, a do colódio úmido, exigia que a revelação fosse subsequente à tomada da imagem, e tornava fotografia e revelação muito demoradas."¹¹

⁹ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-imagens/classicos/roger-fenton-e-a-guerra-da-crimeia/>>. Acesso em: 18-08-2013.

¹⁰ SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*, p. 44.

¹¹ SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*, p.34.

À medida que os anos passavam e guerras aconteciam a fotografia ganhava notoriedade e força como representação visual dada sua verossimilhança, alguns fotógrafos se valeram da chamada estética do horror, no caso, o americano Mathew Brady que publicou gravuras de esqueletos humanos.

"As gravuras dos 'esqueletos humanos' publicadas, em junho de 1864, na Leslie's e na Harper's, a partir das fotos, escandalizaram o Norte: não traziam a emoção visceral, intensa e instantânea das foto-choque, mas saber que eram desenhos executados a partir de fotografias potencializava a sua credibilidade e dramaticidade"¹².

Brady tornaria o horror palpável, guerras começariam as ser exploradas ao máximo por fotógrafos e editores, dado ao interesse popular. Segundo Sontag (2003, p.12): "As fotos são meios de tornar 'real' (ou mais real) assuntos que as pessoas socialmente privilegiadas, ou completamente em segurança, talvez preferissem ignorar."

Fato é que Brady conseguiu a atenção do público, trouxe a realidade nua e crua e a converteu em credibilidade.

O Conceito de cronamentalidade surgiu na Guerra Franco-Prussiana (1870-1871) e foi defendido por Philip Schlesing em News men and their time machine. Philip pressupõe que a velocidade de produção foi tida com pequenas melhorias na qualidade de câmeras e imagem fotográficas, proporcionando maior valor de notícia com sua eficácia e rapidez de transmissão, instigando o fotógrafo pelo furo, surge aí o princípio da estética de proximidade, que se desenvolveria mais tarde com Robert Capa.

Em meados (1898) os Norte Americanos tentavam obter poder em Porto Rico, Caribe e Cuba, muitos conflitos entre europeus e africanos foram fotografados, mas não mostraram um detalhe importante, os pequenos conflitos de interesse entre os países europeus pelas áreas de domínio na África.

Com o fim da primeira guerra mundial em (1914-1918), a derrotada Alemanha foi obrigada a entregar terras à França, as mesmas que haviam conquistado em (1870), humilhada, economicamente e tomada pelo desânimo, logo cedeu aos interesses

¹² Ibid., p.37.

totalitaristas de Adolf Hitler. Mas não estava só. Outros países derrotados na guerra, como a Itália, trilharam o mesmo caminho, esta sob comando de Benito Mussolini.

Assim como o poder armamentício evoluía guerra após guerra, a fotografia seguia a mesma toada , em (1925) surge o flash de lâmpada para substituir o mal cheiroso flash de magnésio, quatro anos mais tarde, Ostermeier o melhoraria ainda mais.

Surge o sistema reflex de duas e posteriormente o de uma objetiva, usado nos dias atuais. No entanto as grandes inovações foram as câmeras portáteis de filme 35mm, entre as quais a Ermanox e a leve e silenciosa Leica.

*[...] em todas as guerras até a Primeira Guerra Mundial, o combate propriamente dito esteve fora do alcance das câmeras. As fotos de guerra eram, em geral [...] de estilo épico e, freqüentemente, retratos de conseqüências: os cadáveres espalhados ou a paisagem lunar resultante de uma guerra de trincheiras; as vilas francesas arrasadas [...]*¹³

A melhoria dos equipamentos possibilitou maior agilidade e a possibilidade de fotografar cenas em sequência sem a necessidade da revelação instantânea, em (1935) surge a telefoto, um sistema de transmissão de imagens por meio de sinal de telecomunicação, utilizada na Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Este foi o primeiro e o divisor de águas na histórias de conflito, pois foi amplamente fotografado no sentido moderno. Os fotógrafos foram para as linhas de frente das batalhas e chocaram o mundo, com equipamentos mais compactos e leves, fotógrafos tinham maior mobilidade e proximidade à frente das batalhas.

*A Guerra Civil Espanhola foi a primeira guerra testemunhada ("coberta") no sentido moderno: por um corpo de fotógrafos profissionais nas linhas de frente e nas cidades sob bombardeio, cujo trabalho era imediatamente visto nos jornais e nas revistas da Espanha e do exterior.*¹⁴

A cobertura jornalista nessa guerra foi ampla, mesmo com inúmeras tentativas de acobertar cenas de massacre de civis, torturas e assassinatos de prisioneiros.

¹³ SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*, p.22.

¹⁴ Ibid., mesma página.

A segunda Guerra mundial destroçou milhares e milhares de famílias, deixou mães sem filhos, mulheres sem maridos e vitimas sem identidade, eram números a menos em uma guerra sem propósito, não se tinha preocupação com quem havia morrido, mas com quem havia perdido ou não uma batalha. A fotografia se fez presente através de seus bravos fotógrafos e mostrou o que é horror, medo e destruição.



Figura 13 - Robert Capa: Soldados Americanos chegando na costa da Normandia.



Figura 14 - Robert: Capa: Praia, Omaha, perto de Colleville-sur-Mer, costa da Normandia, 6 junho, 1944.



Figura 15 - Robert Capa: Alemanha, 24 de Março de 1945, Paraquedistas americanos em ação.



Figura 16 - Abril de 1945: Lager Nordhausen, onde acredita-se que 20.000 detentos morreram.



Figura 17- Abril de 1945: Morte no campo de concentração de Lager Nordhausen.

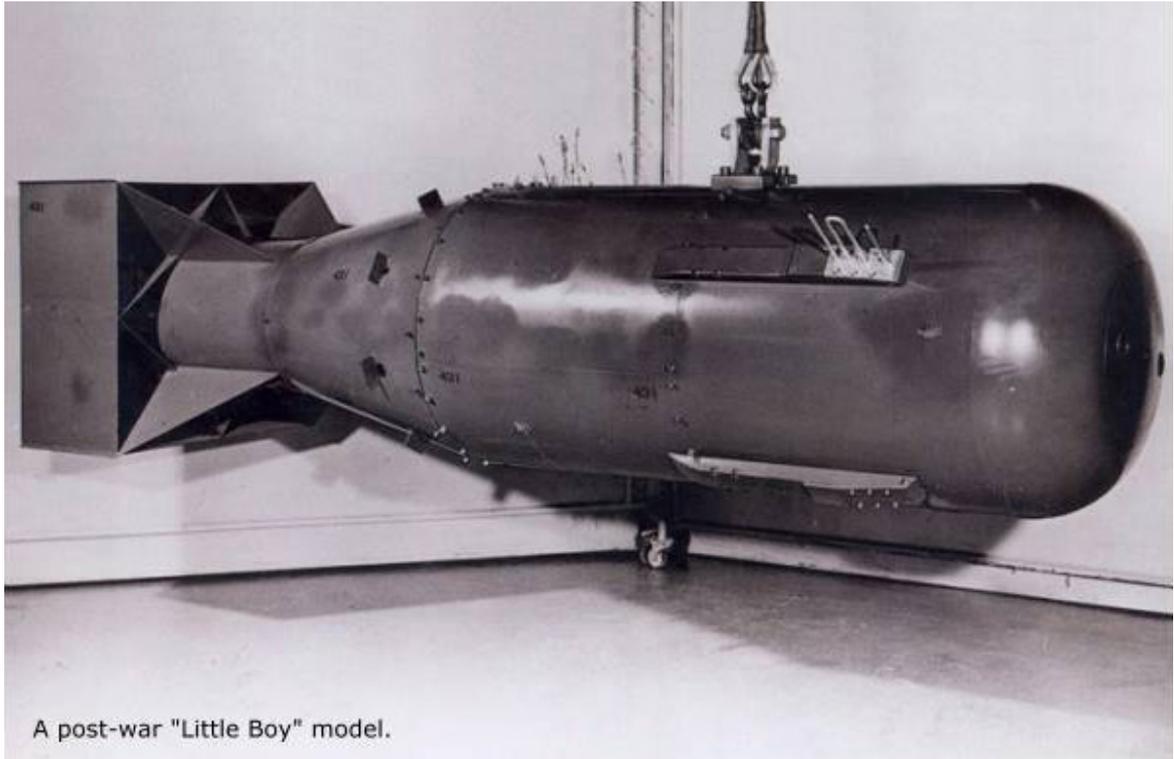


Figura 18 - Modelo da Little Boy, lançada em 6 de agosto de Agosto de 1944, pelo B-29 , pesando 4.406 quilos, às oito da manhã sobre Hiroshima.



Figura 19 - Modelo da Fat man, lançada em 9 de Agosto de 1944 pelo B-29 denominado, Bockscar.



Figura 20 - Enola Gay e sua tripulação (Paul Tibbets no centro) Lançaram "Little Boy" sobre Hiroshima.



Figura 21 - O Bockscar e sua tripulação lançaram "Fat Man" sobre Nagasaki.

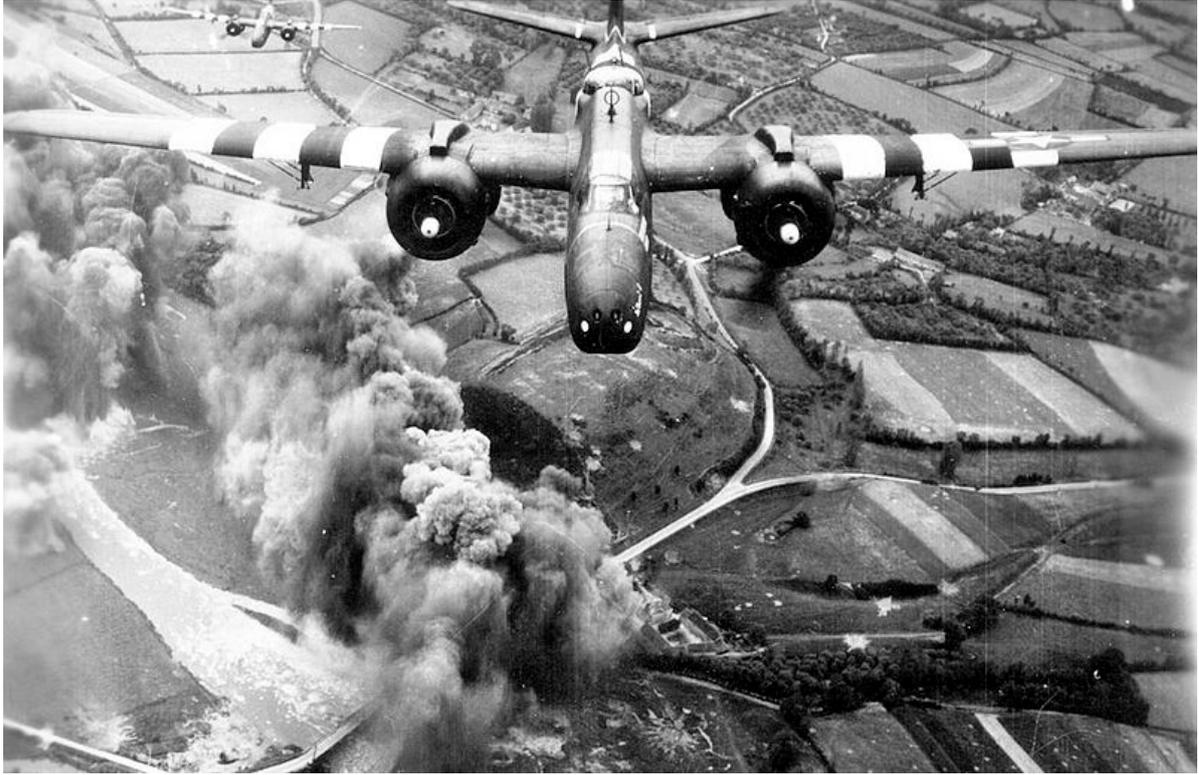


Figura 22 - B-29.

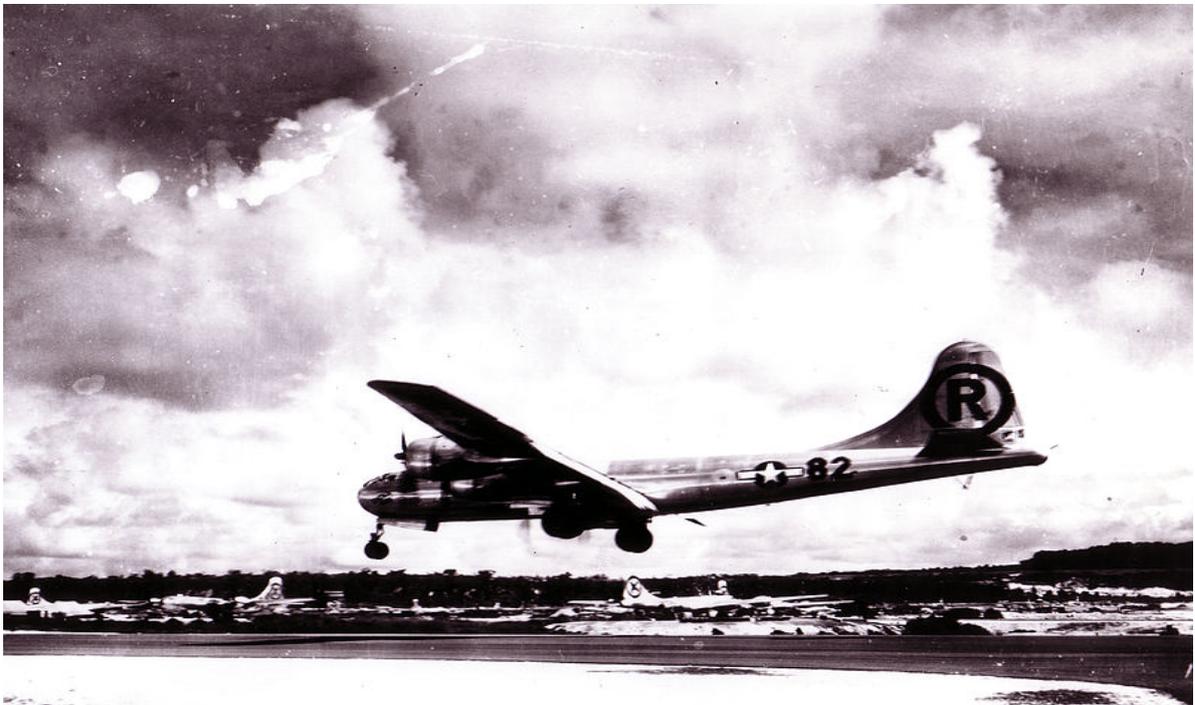


Figura 23 - Enola Gay pousando na ilha Tinian, após o bombardeio no Japão.

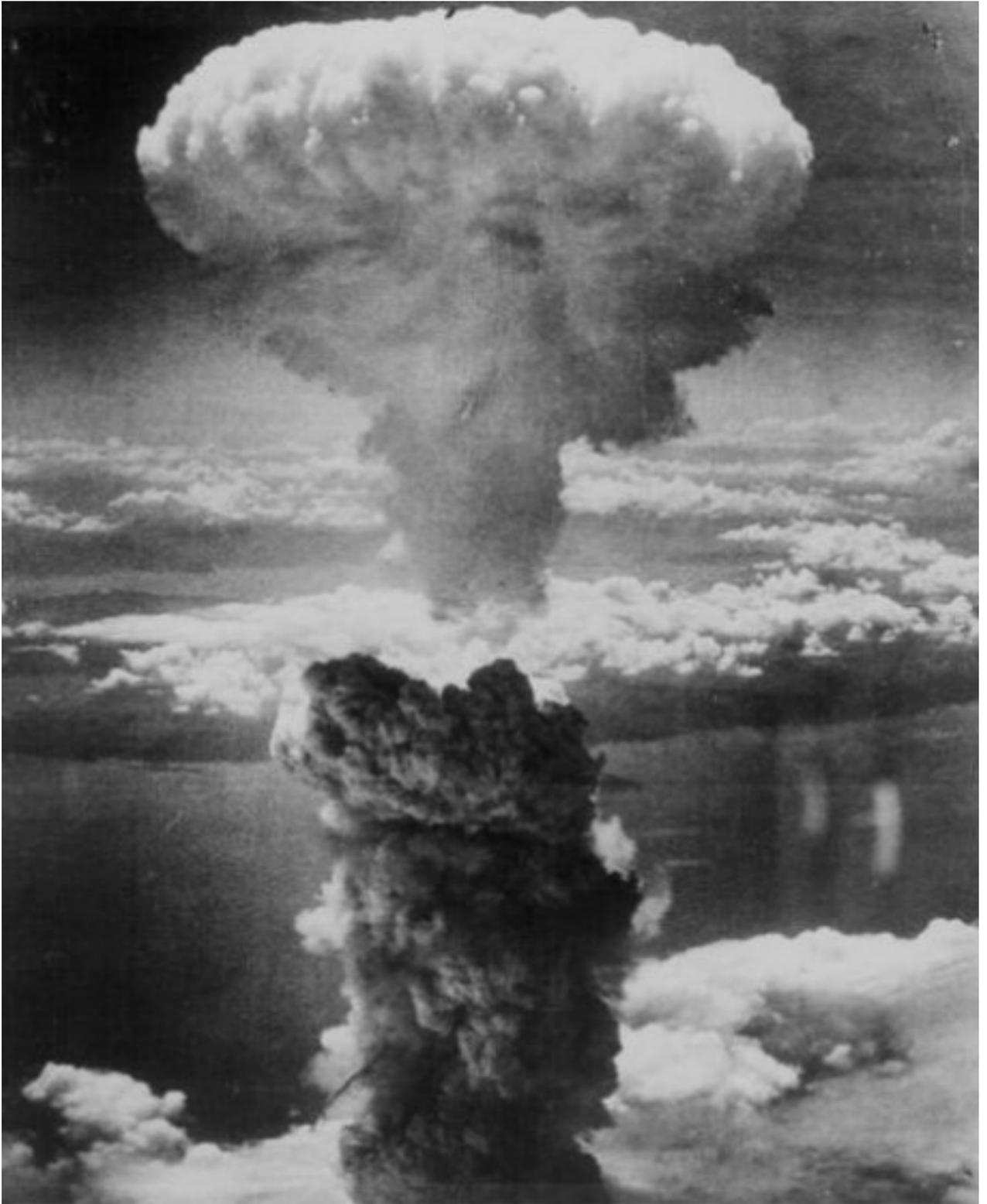


Figura 16 - Hiroshima, 6 de Agosto de 1944.

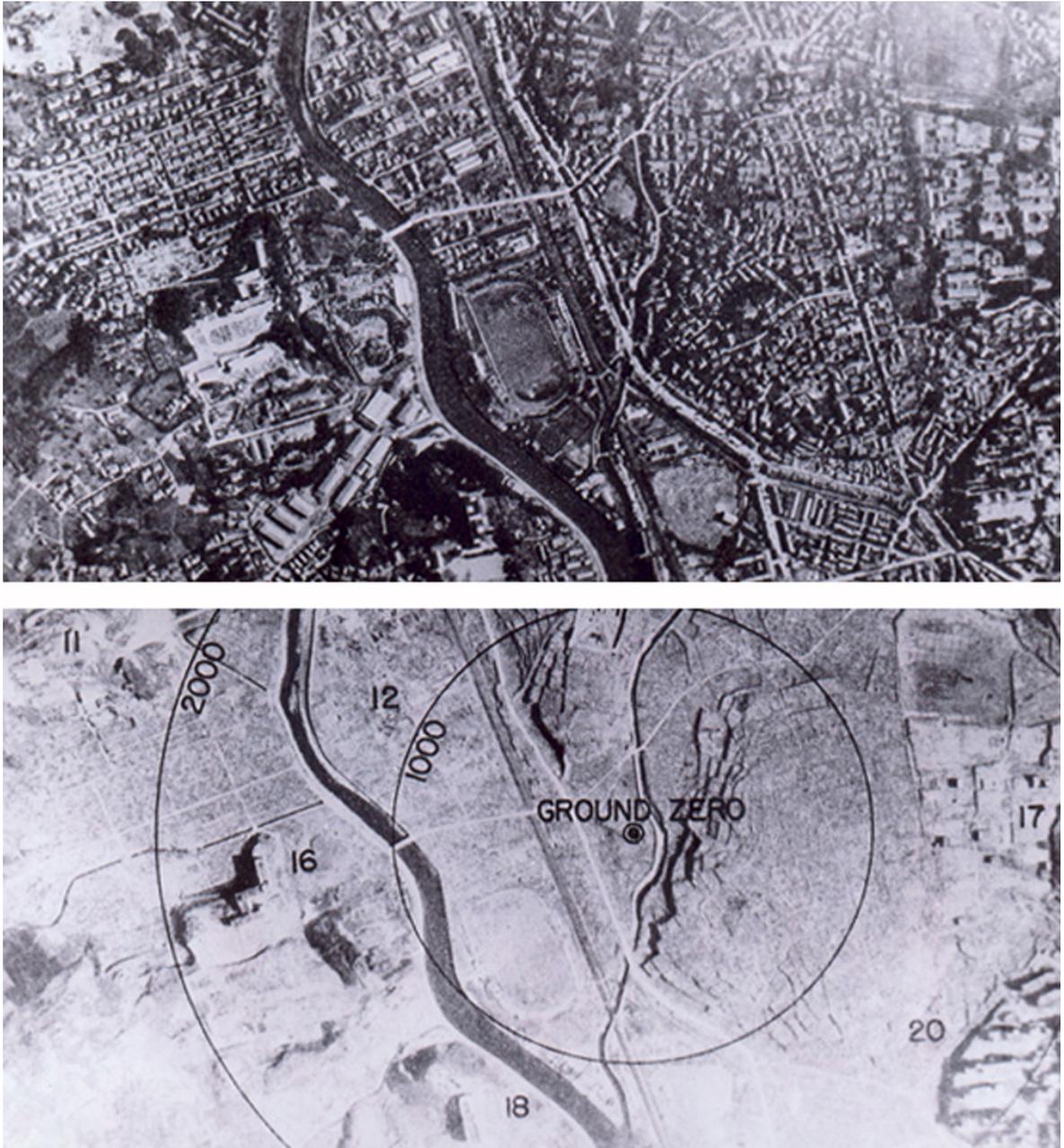


Figura 17 - Nagasaki antes e depois do bombardeio.



Figura 26 - Hiroshima antes do bombardeio

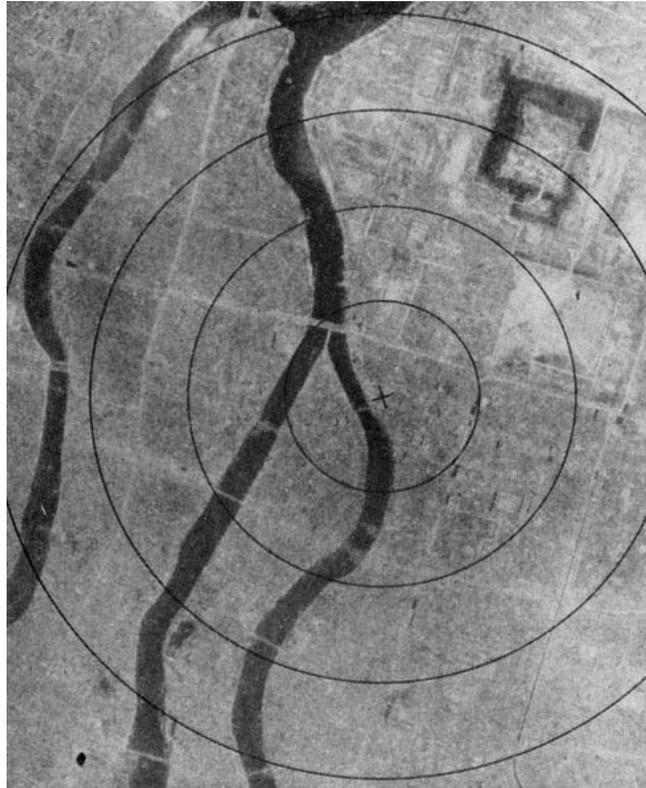


Figura 18 - Hiroshima depois do bombardeio.



Figura 28 - Foto tirada em Hiroshima logo após a bomba cair.

Retrato tirado por fotografo americano que acompanhava o exercito quando o mesmo ocupou o Japão após a segunda guerra. O garoto está com a irmã (bebe), que já estava morta por falta de comida. Em posição de "sentido" e em reverencia aos corpos que estavam sendo queimados (muitos corpos foram queimados, pois não tinha disponibilidade de enterrar).



Figura 29 - Primeiro Ministro Japonês Mamoru Shigemitsu assinando carta de rendição.



Figura 30 - Bandeira Soviética, hasteada no prédio do Reichstag, após a Batalha de Berlim.

EXTRA THE STARS AND STRIPES EXTRA
 Daily Newspaper of U.S. Armed Forces
 Vol. 1, No. 277 1 P. 1 P. 1
 Thursday, May 2, 1945

HITLER DEAD

Fuehrer Fell at CP, German Radio Says; Doenitz at Helm, Vows War Will Continue

German radio announced last night that Adolf Hitler had died. Adm. Karl Doenitz, former commander-in-chief of the German Navy, has succeeded him as ruler of the Reich, the radio announcement said.

Doenitz made a radio speech immediately after the announcement, Hitler said, and declared that Germany would continue to wage war. His statement up-set peace rumors which had been prevalent for more than a week in all world capitals.

The announcement did not give any details of how the Reich leader died. The news was broadcast after solemn Wagnerian music, including "Twilight of the Gods," was played.

"Admiral, admirer," a voice said, "in a few minutes you will hear a solemn and important message to the German people. We are now going to play a statement of Doenitz's Speech to the Reichstag." Finally, the report of Hitler's death was given.

Hitler's death came three days after his last enemy slayer, Benito Mussolini of Italy, was killed by Italian partisans near the village of Dongo on Lake Como.

Doenitz, in his speech, said that Hitler "had fallen at his command post," while Goebbels radio said that he died in the Reich Chancellery in Berlin yesterday afternoon. But Army group soldiers in Berlin.

(Continued on Page 2)

Churchill Hints Peace Is at Hand



Page 2, Column 1

Figura 31 - Jornal anunciando a morte de Hitler.



Figura 32 - Benito Mussolini e a Amante Assassinados em 1957.

*Não existe guerra sem fotografia, observou o notável esteta de guerra Ernst Junger em 1930, refinando dessa maneira a irreprimível identificação da câmera com a arma: 'disparar' a máquina fotográfica apontada para um tema e disparar a arma apontada para um ser humano).*¹⁵

A guerra do Vietnã marcou pela quantidade de fotografias chocantes que falavam por si e gritavam por todos que não tinham voz, mas no dia 11 de julho de 1963 em Saigon – Vietnã, o silêncio falou mais alto. O monge budista Thich Quang Duc que protestava contra a maneira que a sociedade oprimia a religião Budista em seu país ateou fogo ao próprio corpo em um processo de auto imolação, seu corpo ardia em chamas enquanto permanecia imóvel, em silêncio. Chocado com o horror da cena e o cheiro da carne queimada, o fotógrafo Malcolm Browne tirou quatro filmes de fotos do monge. Após sua morte, seu corpo foi cremado conforme a tradição budista. E durante a cremação seu coração manteve-se intacto.



Figura 33 - Thich Quảng Đức durante a autoimolação. A imagem foi feita pelo fotógrafo da Associated Press Malcolm Browne em 11 de julho de 1963.

¹⁵ SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*, p.58.



Figura 19 - Malcolm Browne : Thích Quảng Đức durante a autoimolação.



Figura 35 - Kyoichi Sawada: Loc Thuong, Binh Dinh. Uma mãe tenta se salvar com os 4 filhos, três crianças e um bebê durante a guerra do Vietnã, em 1965.



Figura 36 - Horst Faas: Mulheres e crianças se agacham em um canal lamacento, para se proteger do intenso fogo vietcongue, em Bao Trai, cerca de 20 quilômetros a oeste de Saigon, em 1 de janeiro de 1966.



Figura 37 - Marc Riboud: Jovem abre os braços contra as baionetas em frente do Pentágono, durante protesto contra a guerra do Vietnã. Washington, EUA, 1967.



Figura 38 - Marc Riboud: Jovem estende uma flor contra as baionetas em frente do Pentágono, durante protesto contra a guerra do Vietnã. Washington, EUA, 1967.



Figura 39 - Eddie Adams: Execução em Saigon, em 1 de fevereiro de 1968.



Figura 40 - Eddie Adams: Execução em Saigon, 1 de fevereiro de 1968.



Figura 41 - Eddie Adams: Execução em Saigon, 1 de fevereiro de 1968.

O coronel assassinou o preso, mas eu assassinei o coronel com minha câmera. Palavras de Eddie Adams logo após fotografar o chefe de polícia geral (Nguyen Ngoc Loan) matar a sangue frio um guerrilheiro do Vietcong, (Nguyễn Văn Lém). Adams ficou tão perplexo com a fotografia que mais tarde se converteria em fotógrafo de paisagismo. "Eddie Adams"



Figura 42 - O Dr. Howe (Glencoe, MN) trata as feridas do soldado de primeira classe Da Crum (New Brighton, PA), 2º Batalhão do 5º regimento da Marinha, durante a Operação Cidade Hue, em 06 de fevereiro de 1968. (Departamento de Defesa dos EUA)



Figura 43 - Hugh Van Es, AP Photo: Um paraquedista norte-americano ferido, enquanto espera transporte médico, no acampamento base, no vale Shau, perto da fronteira com o Laos, em 19 de maio de 1969.

O fotógrafo Don McCullin foi um dos que mais influenciaram a opinião pública, suas “lentes” mostraram a dor de forma agressiva, provavelmente motivado pela mentalidade de que o horror se tornaria referência à guerra. O uso de armas químicas eram constantes como o gás laranja, muito utilizado para desfolhar as florestas e facilitar os ataques aéreos, bombas do tipo napalm eram cancerígenas, além de matar de forma lenta e cruel.



Figura 44 - Don McCullin.

É claro que as revistas também fizeram muitas coisas criativas com a Guerra do Vietnã. A própria Life, em 1969, publicou uma matéria de enorme repercussão, ao simplesmente mostrar as fotos – tipo três por quatro – de todos os cidadãos americanos mortos durante uma semana no Vietnã. Eram mais de 200 homens, e as fotos deles, uma a uma, foram publicadas em várias páginas da revista, com informações curtas contendo nome, idade, posto, o que haviam estudado, quantos filhos ou irmãos deixaram. Depois de todas as imagens de luta, violência e morte no Vietnã, essa foi a edição em que as pessoas passaram a achar que a Life tinha se voltado contra a guerra. Ali se podia ver todo o impacto da guerra na vida dos cidadãos estadunidense comum.

As operações de guerra química, com a utilização do napalm, começaram em 1961 com a aprovação do presidente John Kennedy, e foram progressivamente intensificadas até atingirem seu ponto culminante em 1965. O objetivo estratégico das operações de "desfolhamento" era privar os guerrilheiros vietnamitas de suas fontes de alimento e proteger os invasores norte-americanos de seus ataques¹⁶.



Figura 45 - Nick Ut: Vietnã, (AP Photo) 1972: Vítima de napalm, Kim Phuc, de nove anos, corre nua e grita de dor.

Em 8 de junho de 1972 Kim Phuc corre apavorada após um ataque aéreo sobre lugares suspeitos de serem esconderijos vietcongues. Um avião sul-vietnamita bombardeou acidentalmente napalm sobre as tropas sul-vietnamitas e civis. A garota aterrorizada tinha rasgado a roupa em chamas enquanto fugia. As crianças da esquerda para a direita: Phan Thanh Tam, irmão mais novo de Kim Phuc, que perdeu um olho, Phan Thanh Phouc, irmão caçula de Kim Phuc, Kim Phuc, Kim Ho

¹⁶ Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=530>>. Acesso em 03-11-2013



Figura 46 - Nick Ut: Vietnã, 1972: Equipes de TV e soldados sul-vietnamitas cercam Kim Phuc, vítima do “fogo amigo”, num ataque aéreo sobre uma vila de civis, 8 de junho de 1972.

Van Bon e Ho Thi Ting. Atrás deles são soldados da 25 ºDivisão do Exército do Vietnã¹⁷.

¹⁷ Disponível em: <<http://kid-bentinho.blogspot.com.br/2012/04/40-fotos-da-guerra-do-vietna.html>>. Acesso em: 10-10-2013.



Figura 47 - Sal Veder, AP Photo: O tenente-coronel Robert L. Stirm, prisioneiro libertado de guerra, é saudado por sua família em Fairfield, Califórnia em 17 de março de 1973, quando ele retorna para casa da Guerra do Vietnã.



Figura 48 - Vietnam News Agency / Reuters: As tropas norte-vietnamitas correm pela pista de Tan Son Nhat, base aérea em Saigon, em 30 de abril de 1975. A tomada de Saigon marcou a queda do sul, apoiado pelos EUA e o fim de uma década de luta.



Figura 49 - Neal Ulevich, AP Photo: Multidões de vietnamitas tentam escalar o muro da Embaixada dos EUA em Saigon, Vietnã, tentando chegar à zona de embarque de helicóptero, pouco antes do final da Guerra do Vietnã em 29 de abril de 1975.



Figura 20 - AP Photo: O tanque norte-vietnamita derruba o portão do palácio presidencial em Saigon, o que significa a queda do Vietnã do Sul, em 30 de abril de 1975.

Posteriormente à Guerra do Vietnã nas décadas subsequentes, surgiram sistemas como a Unifax, um processo de registro eletro estático para transmitir e receber fotografias com maior qualidade e também as Still Vídeo Câmeras, que funcionavam com chip armazenador de imagens. Mais tarde passaria a fazer parte do processo de produção, sendo utilizado para reenquadrar, clarear ou escurecer imagens. Simultaneamente, no campo político novos conflitos eclodiam, com formatos e motivos diferentes, a situação no Oriente Médio tornara-se ainda mais delicada durante as décadas de 70, 80 e 90, quando se sucederam conflitos em países diversos.



Figura 51 - Protestos na Praça da Paz Celestial em Pequim, em 5 de junho de 1989.

A foto acima fez história, foi registrada em 1989 pelo fotógrafo Charlie Cole, durante o conhecido massacre da Praça da Paz Celestial, em Pequim, capital da China.

O acontecimento consistiu em diversos protestos liderados por estudantes chineses, entre abril e junho de 1989, fortemente reprimidos pelo exército local. Na foto, um manifestante desafia uma fila de tanques de guerra durante o massacre.



Figura 52 - Charlie Cole: Em Pequim, 5 de junho 1989: O Homem dos Tanques.



Figura 21 - Terril Jones: Um novo ângulo para a famosa foto: O Homem dos Tanques.

Anos mais tarde, A Guerra Fria enfraquecia culminando com a queda do Muro de Berlim em 1989, ação da qual há muitos registros fotográficos.

Nas duas últimas décadas do século XX, o terrorismo e a guerra civil se espalharam pelo mundo. A mídia mostrou com riqueza de detalhes imagens e seus efeitos devastadores.

Por um lado, o desenvolvimento tecnológico intensificou a capacidade destrutiva das guerras. Os exércitos se especializaram, as táticas passaram de trincheiras aos precisos lança- mísseis.

O aumento potencial da capacidade estratégica do homem, aliado ao poder tecnológico das armas, tornou a guerra muito mais letal e destrutiva, capaz de mutilar e matar um grande número de pessoas num curto espaço de tempo.

Por outro lado, e na mesma medida, o desenvolvimento técnico-científico se estendeu a outras áreas do conhecimento, entre as quais a fotografia. Vieram flashes, câmeras portáteis, lentes, fotômetro, telefoto, revelação rápida e precisa, até a fotografia digital, as transmissões pela internet e os recursos de softwares editores de imagens.

Ao mesmo tempo, surgiram os grandes prêmios internacionais de fotografia, como o *World Press Photo*, *Pulitzer* e o já tradicionalíssimo *Robert Capa Gold Medal* existente desde 1955 após a morte de Robert Capa. Em tese, esses prêmios privilegiam as fotografias de guerra, violência e sofrimento. De acordo com o trabalho *News Values nas "Fotos do Ano" do World Press Photo*, de Jorge Pedro Sousa⁵, 87,5% das fotografias do ano analisado eram chocantes e 95% tinham tendência negativa.

5.1 Choque de Realidade



Figura 54 - Kevin Carter: Primeira vez publicada em 26 de março de 1993, intitulada, Espreitando a morte.

Em 1994, o prêmio Pulitzer de Fotojornalismo foi ganho com esta fotografia chocante de uma criança sudanesa. Tomada na região de Ayod, uma pequena aldeia em Suam, a imagem retrata a figura esquelética de uma pequena menina, totalmente desnutrida, recostando-se sobre a terra, esgotada pela fome, e a ponto de morrer, enquanto em um segundo plano, a figura negra expectante de um abutre se encontra espreitando e esperando o momento preciso da morte da garota. Carter disse que esperou em torno de vinte minutos para que o urubu fosse embora, mas isto não aconteceu. Então rapidamente tirou a foto e fez o urubu fugir dali, açoitando-o. Em seguida, saiu dali o mais rápido possível. O fotógrafo criticou duramente sua postura por apenas fotografar, mas não ajudar, a pequena garota: “Um homem ajustando suas lentes para tirar o melhor enquadramento de sofrimento dela talvez também seja um predador, outro urubu na cena.”, teria dito. Quatro meses depois, abrumado pela culpa e conduzido por uma forte dependência às drogas, Kevin Carter suicidou-se.



Figura 55 - Steve McCurry: PERU, 2004, Alto Churumazu. Yanessa.

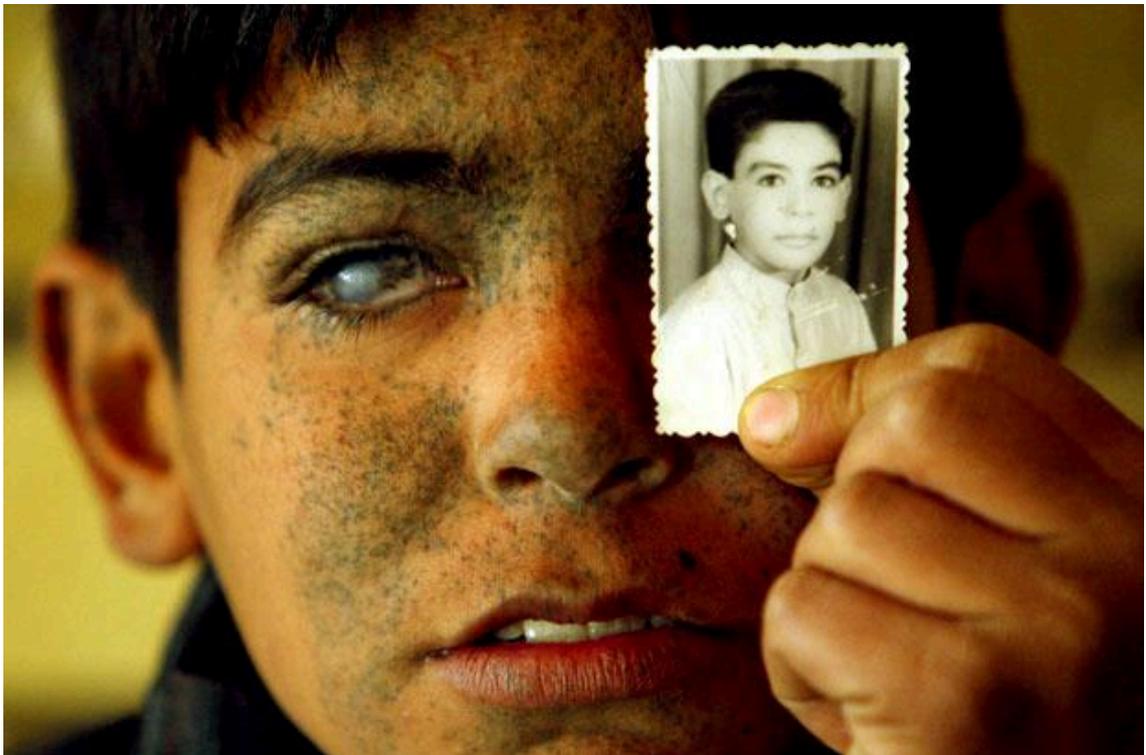


Figura 56 - Mauricio Lima/AFP/Getty imagens: Menino Iraquiano Ayad Alim Brissam Karim mostra uma de suas fotos tiradas antes de seu acidente. Helicópteros americanos atacaram o campo vegetal onde brincava o deixando-o sem visão e com queimaduras em seu rosto.



Figura 22 - AFP: Gaza, 05 de janeiro de 2009.

Papai, eu estou morrendo" Ibrahim de 9 anos. Estas foram as últimas palavras do garoto Ibrahim de 9 anos, ao ser alvejado por tiros disparados por soldados israelitas."Eles mataram meu filho a sangue frio", disse o pai ainda em estado de choque. O pai continua: "primeiro eles nos atacaram e depois chegaram perto de nós. Ibrahim já estava morto então um dos soldados chegou perto do seu corpo, puxou-o pela perna e dando gargalhadas jogou-o para o alto, enquanto outro soldado atirava no corpo do meu menino". "Parecia que eles estavam comemorando" "As gargalhadas ficavam cada vez mais altas, enquanto eles carregavam o corpo para uma parte mais alta para começarem a festa deles". Por uma hora, o pai gritava enquanto os soldados israelenses competiam para ver que acertava a cabeça de seu menino."Os israelitas mataram o meu filho, não uma ou duas vezes, mas mil vezes. O que meu filho fez para merecer isso?" Kamal Awaga, pai de Ibrahim, 9 anos, no hospital Al Shifa de Gaza.



Figura 58 - AFP: Gaza, 05 de janeiro de 2009. O corpo de um dos três irmãos palestinos da família Al-Samoni, morto por um projétil de tanque israelense, encontra-se no necrotério do Hospital Al-Shifa, em 5 de janeiro de 2009 na Cidade de Gaza. Sete membros da família Al-Samoni foram mortos, incluindo a mãe, três crianças e um bebê, quando um projétil Israelense atingiu sua casa, ao sul da Cidade de Gaza.



Figura 59 - AFP: Gaza, 05 de janeiro de 2009.



Figura 60 - AFP: Gaza, 05 de janeiro de 2009.



Figura 61 - AFP: Gaza, 05 de janeiro de 2009: O corpo dos três irmãos palestinos da família Al-Samoni, mortos por um projétil de tanque israelense, encontra-se no necrotério do Hospital Al-Shifa.



Figura 62 - AFP: Gaza, 05 de janeiro de 2009.



Figura 63 - AFP: Gaza, 05 de janeiro de 2009.



Figura 64 - AFP: Gaza, 05 de janeiro de 2009.



Figura 65 - Wissam Nassa: The 2009 massacre em Gaza will be for international solidarity with Palestine what the Sharpeville massacre was for the international solidarity against apartheid in South Africa.



Figura 66 - Thair Hasani: Getty Image.



Figura 67 - James Nachtwey.

Grandes nomes surgiram no mundo da fotografia de guerra, mas poucos são tão críticos e retratam a realidade tão bem como James Nachtwey, formado em história da arte e ciências políticas, trabalhou a bordo de navios da Marinha Mercante enquanto aprendia a fotografar sozinho.

Após ver a foto de Nick Ut sobre menina vietnamita correndo nua com o corpo queimado pela bomba de Napalm resolveu definitivamente seguir esta profissão.

Suas imagens são fortes, violentas e cruéis, mas despertam as pessoas para o quão cruel que o mundo pode ser, Nachtwey é considerado por muitos o mais corajoso fotojornalista da atualidade. É tido como um homem tímido, empenhado na profissão e que gosta de mergulhar em pensamentos filosóficos, vem usando a fotografia ao longo de sua experiência como uma arma pacífica para documentar desigualdade e conflitos sociais e reconhece que perseguir a dor, a morte e a desgraça alheia pode ser uma forma de exploração e sensacionalismo. Mas a alternativa – permitir que a miséria humana permaneça clandestina e fora do alcance de uma ação – seria ainda pior.

Em 2001 foi lançado o documentário “Fotógrafo de Guerra” (War Photographer), sobre o trabalho do fotógrafo James Nachtwey. O diretor Christian Frei utilizou micro-câmeras especiais acopladas à câmera fotográfica dele, proporcionando ao público a oportunidade de acompanhar o fotojornalista em ação. O documentário foi filmado em dois anos durante os conflitos de Kosovo, Palestina e Indonésia.

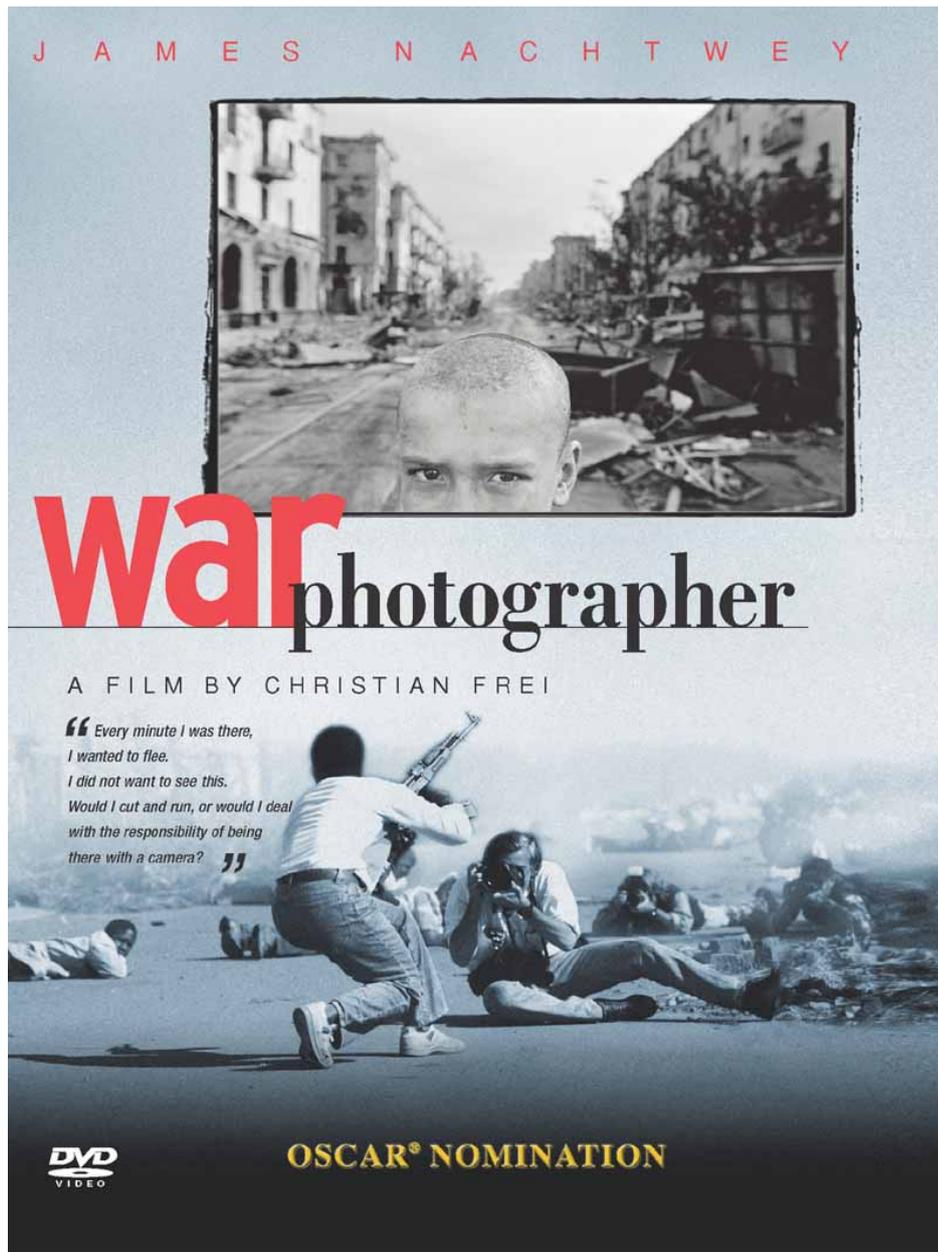


Figura 68 - War photographer.

Em 2003, atuava como correspondente da revista Time em Bagdá e foi ferido por uma granada quando acompanhava uma patrulha dos Estados Unidos. Ficou internado inconsciente por alguns dias, mas não parou.

James, recebeu diversos prêmios tais como o Common Wealth Award, Martin Luther King Award, Dr. Jean Mayer Global Citizenship Award, Henry Luce Award, o World Press Photo Award (duas vezes), Magazine Photographer of the Year (sete vezes), o International Center of Photography Infinity Award (três vezes), o Leica Award (duas vezes), o Bayeaux Award for War Correspondents (duas vezes), o Alfred Eisenstaedt Award, o Canon Photo essayist Award e o W. Eugene Smith Memorial Grant para Humanistic Photography e Robert Capa Gold Medal (cinco vezes) É um associado da Royal Photographic Society e Doutor Honorário de artes da Faculdade de Artes de Massachusetts.



Figura 69 - James Nachtwey: Somalia, 1992 - Child starved by famine, a man-made weapon of mass extermination.



Figura 70 - James Nachtwey: Sudan, 1993, Famine victim in a feeding.



Figura 71 - James Nachtwey: Bosnia, 1993 - Mourning a soldier killed by Serbs and buried in what was once a football field.



Figura 7223 - James Nachtwey: Zaire, 1994 - Hutu refugees were struck by cholera and buried in mass graves.



Figura 73 - James Nachtwey: The massacre at Nyarabuye took place in the grounds of a Catholic Church and school. Hundreds of Tutsis, including many children, were slaughtered at close range, Rwanda, 1994



Figura 74 - James Nachtwey : Ruanda, 1994.

CONCLUSÃO

Em um mundo tão obcecado em entretenimento, celebridades e moda, temas críticos nunca são bem vistos, anunciantes já não querem ligar o seu produto à imagens que lhe associem a tragédias, pois afeta negativamente a sua marca. Será possível por fim numa forma de comportamento humano que existiu ao longo de toda história através da fotografia? A colocação dessa questão parece ridícula, e desajusta. É precisamente essa ideia que me motiva, pois, a força da fotografia reside da capacidade de evocar o sentido de humanidade. Se a guerra tenta negar a humanidade, a fotografia tenta conceber-se como oposto da guerra. E se bem usada, constitui um poderoso antídoto contra opressão que um povo sofre. De certo modo se um indivíduo assume o risco de colocar-se no meio de uma guerra para comunicar ao resto do mundo o que se passa, ele tenta negociar a paz. Por isso aqueles que perpetuam a guerra não gostam de fotógrafos por perto. Em um conflito, aquilo que se sente é extremamente imediato, o que se vê não é uma imagem em uma página de revista a 16.000 km de distância, junto a um anúncio de um relógio "Rolex" de 20.000 R\$ reais. O que se vê é uma dor dilacerante, injusta e cruel, se todos pudessem presenciar com seus próprios olhos uma criança sendo rasgada como se fosse papel, ou queimada como se fosse mato seco, entenderiam, a dor é inexplicável. Se todos pudessem ver por si mesmos, o medo e o pesar, compreenderiam que nada justifica tal sofrimento a uma pessoa, muito menos a milhares.

Mas nem todos podem ir lá e, é por isso que os fotógrafos vão, para criar imagens suficientemente poderosas que ultrapassem o efeito ilusório criado pelas mentiras das palavras e abanem as pessoas das suas indiferenças. Para que protestem, e com a força desses protestos, fazer com que outros também protestem.

A imagem é a arma mais letal que pode existir, mostra o que as palavras tentam atenuar, age como denuncia e dá voz para todos aqueles que não conseguem gritar ao mundo os fatos cruéis e injustos que lhes acontecem diariamente.

Anexo - Robert Capa

Robert Capa (1913-1954), um ícone, consagrado por registrar fotos extremamente próximas, capturando expressões de angustia, medo e terror de soldados dentro das trincheiras. Para falar de Capa procurei algo tão próximo quando ele pedia, para ser bom, tem que estar perto, então achei.

Olá, meu nome é Robert Capa. Ou melhor, André Friedman. Ou melhor, Ernő Friedmann. Modéstia a parte, sou um homem que você deveria conhecer.



Figura 75 - Robert Capa, 2010.

O problema é que estou morto. Mas, se isso serve de consolo, sua avó pode ter me conhecido, de um jeito mais próximo do que seu avô aprovaria, caso ela tenha circulado pela Europa, Ásia ou América nos anos 30, 40 ou 50. As mulheres sempre tiveram certa queda pelo meu estilo despojado, um cigarro pendendo no canto da minha boca e várias câmeras penduradas ao redor do meu traje de combatente. Digo que estar morto é um problema, mas isso não é exatamente um problema para mim, assim como não é nada estranho eu estar escrevendo aqui, neste momento. Sou, afinal, um defunto capaz de façanhas. Até hoje prego peças nos vivos, e também surpreendo a posteridade com minhas obras recém divulgadas. Além disso, se você nasceu nas chamadas “Geração X”, “Y” ou “Z”, saiba que quem batizou sua geração assim foi, no frigir dos ovos, eu.



Figura 76 - Robert Capa, 2010, p.19: Morte de um Soldado Legalista. Este homem foi recentemente identificado como Federico Borrell Garcia, um membro da milícia da vila de Alcoy, próximo a Alicante.

Simple: outros fotógrafos eram menos corajosos (ou menos loucos) que eu. Antes de mim, as fotografias de conflitos armados limitavam-se somente à captura de dois momentos: antes das batalhas e após as batalhas. Pois bem: fui o primeiro a fazer fotografias durante as batalhas.

Mas, para isso, tive de agir como qualquer soldado: usando roupa de combatente, lado a lado com os soldados da Frente Popular, corri em trincheiras, engatinhei entre barricadas e rastejei próximo às linhas inimigas, esquivando-me de balas. A única diferença é eu que não empunhava uma arma, mas uma máquina fotográfica. Como eu costumava dizer: “Se as fotografias não são suficientemente boas, é porque não se está suficientemente perto.” Robert Capa.

Foi nessa época que capturei uma cena impactante, e a fotografia correu o mundo: um combatente, com arma na mão, morto no front durante uma batalha em Córdoba. Consegui capturar o exato momento em que ele foi atingido. Por décadas discutiu-se quem era o pobre sujeito, e a descoberta da verdade foi uma daquelas peças que preguei e da qual só ri totalmente depois da minha morte. Mas depois explico.

O que preciso contar agora, vou contar rapidamente, por me doer muito. É que, ao lado da fama, veio a tragédia. Em 1937, cobrindo a Guerra Civil Espanhola próximo à Madrid, o amor da minha vida morreu em um acidente de carro estúpido. Gerda e eu estávamos noivos, embora isso fosse segredo, e prometi que jamais me casaria com outra mulher.

Como disse em uma entrevista a Marta Gellhorn, “em uma guerra, você precisa odiar alguém ou amar alguém, você precisa ter uma dessas situações se não, não consegue suportar o que acontece”. Com a morte de Gerda, eu não tinha mais o amor que me sustentava no campo de batalha. Também frustrado com os rumos da Guerra Civil na Espanha, voltei para casa, mas os nazistas estavam à espreita, salivando para tomar a França. Tive de me refugiar no novo mundo, e fui para Nova Iorque em 1938.

Nos Estados Unidos, por pouco tempo. Porém, não me afastei do front. Ao contrário, mergulhei no meu trabalho, tornando-me íntimo do perigo e da guerra, flertando com

a morte. E nada disso faltava durante a Segunda Guerra Mundial. No mesmo ano em que saí da Europa, voei para a China, a fim de cobrir a luta da resistência contra a Invasão Japonesa. Como certa vez disse, “para um correspondente de guerra, perder uma invasão é como recusar um encontro com Lana Turner após completar cinco anos de prisão em Sing Sing”.

Falando em atrizes, ao retornar para Nova Iorque, me envolvi com a esposa de um ator britânico. Não me condenem, era uma ruiva irresistível, e seu marido não dava conta do recado. Além disso, acho que vocês, brasileiros, vão aprovar minha conduta ao saberem que John Justin era filho de um argentino. Minha relação com Elaine Justin durou quase até o fim da Segunda Guerra e, naquele tempo, eu ficava mais tempo cobrindo batalhas do que ao lado dela.

O resultado foi que ela me trocou por outro cara.

Mas não havia tempo para lamúrias. Em meados de 1943, acompanhei as tropas americanas em sua movimentação pela Sicília e Nápoles, tentando enxotar os nazistas da Itália. Lá, tive uma das lições mais terríveis sobre a verdadeira natureza das guerras. Chegando a Nápoles em outubro, deparei-me com o funeral coletivo de vinte adolescentes que se tornaram partisans e pegaram em armas antes da chegada dos aliados, para combater o fascismo. A professora deles, também morta, havia sido a líder da tropa juvenil. A cerimônia ocorria em uma história, e lembro de ter descrito a cenas em minhas memórias.



Figura 77 - Robert Robert : O funeral, Neapolitan Mother Mourning her Son, 1943.

Entrei na escola e fui tomado pelo cheiro doce e azedo que vinha das flores e dos mortos. Na sala, estavam vinte caixões improvisados, não suficientemente coberto por flores e pequenos demais para ocultar os pezinhos sujos das crianças – crianças maduras o suficiente para combaterem os alemães e serem mortas, mas também crescidas demais para caberem em seus caixões. Aqueles pés de crianças mortas era a forma como a Europa, onde nasci, escolheu me recepcionar. Tirei meu chapéu e saquei minha câmera. Apontei a lente para as faces das mães prostradas... aquela foi a minha imagem mais verdadeira sobre a vitória em uma guerra.

Também estive na Normandia naquele famoso “Dia D”, quando as tropas aliadas começaram uma investida definitiva contra as forças do Eixo. Fiz 106 fotografias da invasão das praias normandas, mas um problema técnico fez com que sobrassem apenas onze, que fizeram história.

Durante o tempo que acompanhei as tropas americanas, testemunhei o horror criado pelos nazistas. Até então, no mundo livre havia apenas boatos, notícias não confirmadas a respeito daquelas monstruosidades em que meu povo era exterminado. Muitos fotógrafos, naqueles dias, capturaram imagens dos campos de concentração. Eu, porém, do Reno a Order, não capturei imagem alguma. Como disse em minha autobiografia, “os campos de concentração estavam cheios de fotógrafos, e cada nova fotografia servia apenas para diminuir o efeito total do terror”.

Mas falemos de amenidades. Naquele tempo a atriz Ingrid Bergman (se eu não flertei sua avó, leitor, ao menos ela sabe quem foi Ingrid Bergman... pergunte a ela!) estava na Europa levantando a moral dos soldados americanos, e eu dei um jeito para que ela levantasse a minha moral de um modo especial. Retornamos juntos para Hollywood em 1945, e ganhei um bom dinheiro trabalhando para produtoras americanas, mas era tedioso e Ingrid não era Gerda.

No ano seguinte, já não suportava mais aquela vida longe da ação. Dei um fim a tudo isso e viajei para a Turquia.

Em 1947 fui para a União Soviética com um grande amigo que fiz na América. Se você não leu até hoje as obras do meu camarada John Steinbeck, lamento sinceramente. Recomendo que interrompa suas leituras e leia agora sua obra *Vinhas da Ira*, que resume muito bem a visão que tínhamos sobre a sociedade. Viajamos por Moscou, visitamos as ruínas de Stalingrado e, disso tudo, saiu no ano seguinte o livro *Um Diário Russo*, escrito por John e ilustrado por mim.

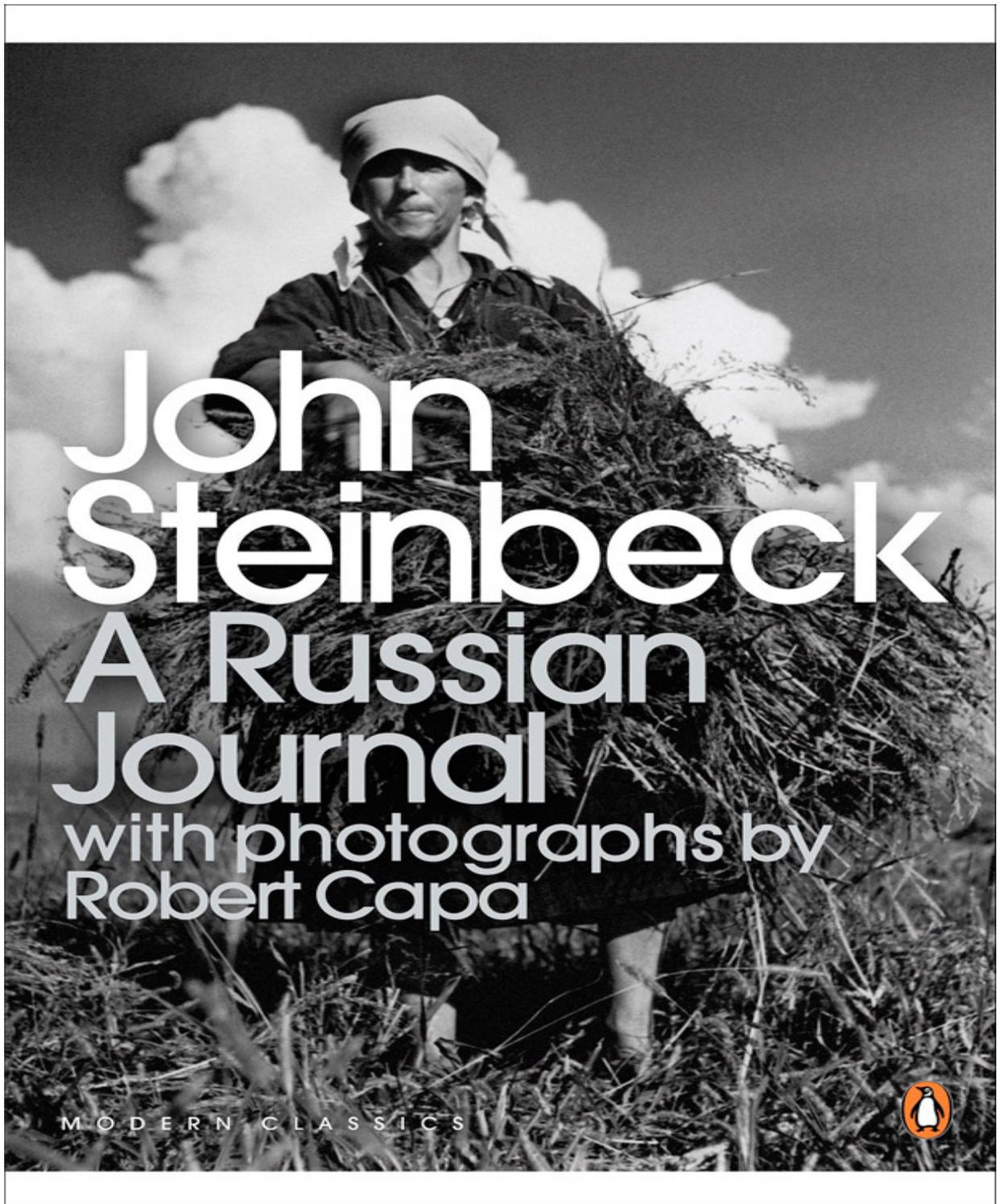


Figura 24 - John Steinbeck, *A Russian Journal*, 1948.

Retornei da viagem determinado a colocar minhas ideias políticas a serviço da minha profissão. Foi assim que fundei uma cooperativa de fotógrafos em Paris, chamada Magnum Photos, da qual participaram alguns dos maiores talentos da fotografia do século XX, como Henri Cartier-Bresson e o corajoso George Rodger. A cooperativa está em funcionamento até hoje, enfrentando a era digital com bravura, e ainda é um bem sucedido exemplo de empreendimento comunitário, do que tenho muito orgulho.

Bom, foi justo nessa época que inventei o termo “Geração X”, usando-o para batizar um ensaio fotográfico sobre jovens que atingiram a maturidade imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, uma geração promissora mas com um futuro cheio de dúvidas diante de si. Logo a seguir, em uma viagem de divulgação da Magnum Photos no Japão, um jornalista me perguntou se eu aceitaria fazer a cobertura da Guerra na Indochina.

Não foi preciso muito para que eu aceitasse o desafio. Em 25 de maio de 1954, quando o regimento francês que eu acompanhava passou por uma área sob o poder do inimigo, afastei-me do comboio para conseguir um bom ângulo. Pisei em um campo minado. Não lembro de qualquer explosão.

Foi aí que morri.

Se você pensa que minha história acaba aqui, está muito enganado. Surpreendo, brinco e encanto os vivos até hoje.

Lembrem-se que sempre houve muita especulação sobre a identidade soldado que fotografei morrendo em combate. Várias teorias surgiram, algumas especulando que ele era Frederico Garcia, o “Taino”, valente combatente anarquista que foi atingido no front. Porém, em fevereiro desse mesmo ano (é, em 2013!), um japonês chato, também fotógrafo e escritor, estragou a peça que preguei e que perdurou por décadas.

Em um especial para a televisão de seu país, ele conseguiu provar que, na verdade, o soldado não havia sido atingido fatalmente, quando o fotografei: ele apenas torceu o pé enquanto corria pelo campo de batalha. Mas o melhor é a história da “maleta Mexicana”.

Em 1995, começaram a surgir boatos de que, escondido em algum lugar, havia centenas de negativos inéditos de fotografias minhas durante a Guerra Espanhola.

A verdade é que pensei ter perdido esses negativos durante a invasão nazista na Europa, mas meu amigo e ajudante Imre Csiki Weisz, ao qual eu enviava minhas fotografias para que as revelasse, salvou-as em uma maleta que viajou tanto quanto eu e acabou, anos depois, nas mãos de um diplomata mexicano, o qual não deu muita importância para o tesouro, descoberto décadas depois por seus herdeiros. Como disse o curador do International Center of Photography, aquela maleta era o “Santo Graal” da minha biografia profissional.

Essa história até inspirou um comovente documentário de Trisha Ziff, intitulado *La Maleta Mexicana*, que fala não apenas de mim, mas de Gerda, do meu amigo Chim e da valorosa aventura dos combatentes da Guerra espanhola, que você pode (após ler *Vinhas da Ira*) assistir no vídeo aqui de cima.

Bom, é isso, meu amigo. Agora posso chamar você de amigo, já que conheceu minha história.

E se você tiver mais alguma dúvida a meu respeito, pode perguntar a alguma amiga de sua avó (dessa vez pouparei sua família da brincadeira, em nome de nossa recente amizade) que tenha viajado pela Europa, Ásia ou América do Norte nas décadas de 30 a 50. Porque, bom, você sabe, meu sobrenome é “Tubarão”¹⁸.

¹⁸ LISBOA, Victor. *Robert Capa – Homens que você deveria conhecer*. Disponível em: <<http://papodehomem.com.br/robert-capa-homens-que-voce-deveria-conhecer-42/>>. Acesso em: 03-10-2013.

REFERÊNCIAS

CAMPANY, David. **Tudo sobre a fotografia**. 1ª ed.; São Paulo: Sextante, 2012.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. 1ª ed.; São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. 1ª ed.; São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 1ª ed.; Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. 1ª ed.; Chapecó: Grifos, 2000.

CAPA, Robert. **Ligeiramente fora de foco**. 1ª ed.; São Paulo: CosacNaify, 2010.
 SIN, Michel Téó. **História da fotografia: A Câmara Escura**. Disponível em: <<http://www.michelteosin.com.br/blog/historia-da-fotografia-a-camara-escura/>>. Acesso em: 17-07-2013.

LISBOA, Victor. **Robert Capa - Homens que você deveria conhecer**. Disponível em: <<http://papodehomem.com.br/robert-capa-homens-que-voce-deveria-conhecer-42>>. Acesso em: 03-10-2013.

História da Fotografia. Disponível em: <<http://www.fotoreal.com.br/fotografia/historia-da-fotografia>>. Acesso em: 15-08-2013.

Linguagem Fotográfica. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/w3/henrique/galeria/biblioteca/textosfoto/linguagem3.htm>>. Acesso em: 16-08-2013.

LOPES, Alex. **A Regra dos Terços (além da fotografia)**. Disponível em: <<http://www.lightroom.com.br/2011/08/regra-dos-tercos/>>. Acesso em 18-08-2013.

BELÉM, Alexandre. **Roger Fenton e a Guerra da Crimeia**. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-imagens/classicos/roger-fenton-e-a-guerra-da-crimeia/>>. Acesso em 18-08-2013.

BENTINHO, Kid. **40 fotos da Guerra do Vietnã**. Disponível em: <<http://kid-bentinho.blogspot.com.br/2012/04/40-fotos-da-guerra-do-vietna.html>>. Acesso em: 10-10-2013.